

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**FERNANDA PIRES MATOS CORRÊA**

**ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E EDUCAÇÃO ESPECIAL  
INCLUSIVA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL DE MÚSICA: UM ESTADO  
DA ARTE**

**Bagé**

**20244**

**FERNANDA PIRES MATOS CORRÊA**

**ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E EDUCAÇÃO ESPECIAL  
INCLUSIVA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL DE MÚSICA: UM ESTADO  
DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Música -  
Licenciatura da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em  
Música.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Eugenia  
Lopardo

Coorientadora: Profa. Dra. Franceli  
Brizolla

**Bagé**

**20244**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

C824a Corrêa, Fernanda Pires Matos  
Atendimento educacional especializado e educação especial inclusiva no campo da educação especial de música: um estado da arte. / Fernanda Pires Matos Corrêa.  
63 p.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, MÚSICA, 2024.  
"Orientação: Carla Eugenia Lopardo".  
  
1. educação especial. 2. ensino de música. 3. inclusão. 4. atendimento educacional especializado. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

**FERNANDA PIRES MATOS CORRÊA**

**ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NO  
CAMPO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL DE MÚSICA: UM ESTADO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Música - Licenciatura da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 de abril de 2024.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Carla Eugenia Lopardo  
Orientadora  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Lúcia Helena Pereira Teixeira  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dra. Lisete Funari Dias  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CARLA EUGENIA LOPARDO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/05/2024, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/05/2024, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LISETE FUNARI DIAS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2024, às 07:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1444133** e o código CRC **77A738A8**.

---

Referência: Processo nº 23100.011728/2022-58 SEI nº 1444133

Dedico este trabalho a todos que  
constituem minha trajetória de vida e em  
especial ao D'us EEterno.

## **AGRADECIMENTO**

Às Professoras Dra. Carla Eugenia Lopardo e Dra. Franceli Brizolla, por me orientarem com todo carinho e disponibilidade.

À Universidade Federal do Pampa, pela educação pública, gratuita, laica e de qualidade e por proporcionar ao graduando experiências profissionais de estágio em vários departamentos do campus.

A todos os coordenadores, pelo trabalho em prol do Curso e dos licenciandos com toda dedicação.

Aos professores do Curso de Música e também de outras Áreas que impactaram e contribuíram significativamente com meu processo formativo.

À Secretaria Acadêmica, ao Núcleo de Pedagogia Universitária (NuDE), Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA), e aos demais departamentos de atendimento e suporte estudantil do campus Bagé.

Aos Técnicos e Terceirizados, por todo cuidado e acolhimento.

A todos os colegas de curso, pelas aprendizagens e pelos laços de fraternidade.

A equipe, professores e colegas do Instituto de Belas Artes (IMBA) de Bagé, pela formação conjunta e contribuições infinitas.

Aos meus pais, João e Dulcinéa (em memória), pelo exemplo, ensinamentos e doação incondicional.

E a todos os meus familiares e amigos, que são constructos da minha base identitária.

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”.

Sir Isaac Newton



## RESUMO

Neste trabalho, apresento e analiso o estado da arte no campo da Educação Especial de Música, tanto em contexto inclusivo como específico, em Atendimento Educacional Especializado. Os objetivos desta pesquisa são identificar pesquisadores/as interessados/as nessa temática, conhecer suas principais estratégias e recursos utilizados na Educação Especial de Música, procurar os fundamentos teóricos que regem a prática docente e o olhar do pesquisador na elaboração das pesquisas, e examinar possíveis desafios ou possibilidades de novas pesquisas sobre o ensino de música para a pessoa com deficiência. A abordagem metodológica utilizada neste trabalho é qualitativa com dados coletados por meio de uma revisão bibliográfica em artigos sobre a temática ensino de Música para alunos com deficiência, na Revista da Associação Brasileira de Educação Musical, na Revista Opus e na Subárea de Educação Musical dos Anais de Congresso da Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Música, num recorte temporal correspondente ao período de 2018 a 2022. A pesquisa revelou que a produção textual desta temática ainda é relativamente pequena, mas que a prática da educação musical especial é uma realidade em diversos espaços e necessita contemplar alunos com deficiências em suas necessidades específicas.

Palavras-Chave: Educação especial, ensino de música, inclusão, atendimento educacional especializado.

## RESUMEN

En este trabajo, presento y analizo el estado del arte en el campo de la Educación Especial de Música, tanto en contexto inclusivo como específico, en Atención Educativa Especializada. Los objetivos de esta investigación son identificar investigadores/as interesados/as en esa temática, conocer sus principales estrategias y recursos utilizados en la Educación Especial de Música, buscar los fundamentos teóricos que rigen la práctica docente y la mirada del investigador en la elaboración de las investigaciones, y examinar posibles desafíos o posibilidades de nuevas investigaciones sobre la enseñanza de música para la persona con discapacidad. El enfoque metodológico utilizado en este trabajo es cualitativo con datos recogidos por medio de una revisión bibliográfica en artículos sobre la temática enseñanza de Música para alumnos con discapacidad, en la Revista de la Asociación Brasileña de Educación Musical, en la revista Opus y en la Subárea de Educación Musical de los Anales de Congreso de la Asociación Nacional de investigación y Posgrado en Música, en un recorte temporal correspondiente al período de 2018 a 2022. La investigación reveló que la producción textual de esta temática aún es relativamente pequeña, pero que la práctica de la educación musical especial es una realidad en diversos espacios y necesita contemplar alumnos con discapacidades en sus necesidades específicas.

Keywords: Educación especial, enseñanza de música, inclusión, atención educativa especializada.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos da Revista da ABEM	26
Quadro 2 – Artigos da Revista Opus	27
Quadro 3 – Anais dos Congressos da ANPPOM	27
Quadro 4 – Cegueira e deficiência visual	38
Quadro 5 – Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda	39
Quadro 6 – Surdez	40
Quadro 7 – Transtorno do Espectro Autista	42
Quadro 8 – Privações sensoriais, intelectuais e motoras	46
Quadro 9 – Objetivos e outros autores mencionados nos artigos	46
Quadro 10 – Contextos contemplados pelas pesquisas	54

## LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

etc. – etcétera

Me. – Mestre

Dra. – Doutora

et al. – e outros

in. – em ou dentro de

orgs – organizadores

## LISTA DE SIGLAS

NuDE – Núcleo de Pedagogia Universitária  
IMBA – Instituto de Belas Artes  
HTTP – HyperText Transfer Protocol  
HTTPS – Hypertext Transfer Protocol Secure  
EE – Educação Especial  
AEE – Atendimento Educacional Especializado  
EEI – Educação Especial Inclusiva  
RJ – Rio de Janeiro  
TCC – Trabalhos de Conclusão de Curso  
Unipampa – Universidade Federal do Pampa  
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais  
EI – Educação Inclusiva  
CAPSi – Centro de Atenção Psicossocial Infantil  
Libras – Língua Brasileira de Sinais  
NIInA – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade  
TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade  
ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical  
ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música  
TEA – Transtorno do Espectro Autista  
DEMUCA – Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo  
BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações  
SciELO – Scientific Electronic Library Online / Biblioteca Científica Eletrônica  
On-line  
Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
PCHEE – Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda  
ABFW: Andrade, Béfi-Lopes, Fernandes e Wertzner  
IMTAP: Individualized Music Therapy Assessment Profile  
RS – Rio Grande do Sul  
UFMG – Universidade Federal de Campina Grande  
IRA – Instituto Redescobrimdo o Autismo  
SP – São Paulo  
NVDA – NonVisual Desktop Access

JAWS – Job Access Work Speech

PONTES – Positividade, Observação, Naturalidade, Técnica, Expressividade e Sensibilidade

T – tom

ST – semitom

TEACCH – Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children

E-Mag – Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico

WCAG – Web Content Accessibility Guidelines

M-Learning – Mobile learning

FUNEPE – Fundação Educacional de Penápolis

ISBN – International Standard Book Number / Padrão Internacional de Numeração de Livro

UNESP – Universidade Estadual Paulista

DOI – Digital Object Identifier / Identificador de Objeto Digital

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Justificativa.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Objetivos e estruturação do trabalho.....</b>	<b>21</b>
<b>2 MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>23</b>
<b>3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos artigos da Revista da ABEM.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos artigos da Revista Opus.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos Anais do Congresso da ANPPOM na Subárea de Educação Musical.....</b>	<b>33</b>
<b>3.4 Triangulação dos dados e análise bibliográfica.....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular, pois a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva compreende a Educação Especial (EE) como uma modalidade que realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a Educação Especial Inclusiva (EEI), sendo que um difere da outra, pois o AEE oferece um atendimento mais focado nas necessidades específicas a serem superadas pelo aluno visando sua autonomia para ser exercida nas mais diversas atividades e nos diversos ambientes inclusivos de sua vida, incluindo o escolar, enquanto a EEI visa um desenvolvimento no âmbito global por meio das interações interpessoais diversas (Brasil, 2008).

A Educação Especial (EE) compreende um trabalho colaborativo que se articula com todas as partes envolvidas no processo de ensino aprendizagem em cada nível, etapa e modalidade ao longo do desenvolvimento educacional desses alunos.

O interesse pelo tema de pesquisa, inicia em 2018, quando pude ver a EE de perto ao visitar o Centro de Referência em Educação Inclusiva João Pedro de Souza Rosa, em Petrópolis–RJ. Ali pude conhecer as dependências e o trabalho realizado em parceria com escolas municipais, oferecendo o atendimento nos horários de contraturno, com atividades diversas, incluindo aulas de música, dança, teatro, etc. Percebi de perto a importância em oferecer um AEE, pois a aprendizagem no contexto da EEI se dá por meio das diferenças, mas no AEE. ela também acontece, porém, por meio das interações com o semelhante e ambas se complementam.

A musicoterapia dialoga com a EE e é vista, por muitos, como uma substituta para a EE de música, mas apesar da aproximação, são campos diferentes e podem ser delimitados e ofertados no trabalho em espaços que visam contribuir com o desenvolvimento da pessoa com deficiência, pois, por meio da Educação Especial de Música, enquanto área do conhecimento, se manifesta



contribuindo com as aprendizagens musicais em contexto inclusivo e/ou de atendimento especializado (Souza, 2020).

É necessário esclarecer, desde logo, que a posição que venho defendendo em relação a essa área é considerá-la como autônoma. Entendo a Educação Musical como uma área que tem sua autonomia, significando que ela não está subordinada a outras áreas do conhecimento e que pode determinar sua problemática teórica bem como definir seus interesses e ter objeto próprio. Ou seja, autonomia de uma área significa, fundamentalmente, ter o seu próprio objeto, método e linguagem próprias. Entendo a área, concordando com Kraemer (2000), como uma área que problematiza as relações entre pessoas e músicas sob os aspectos da apropriação e da transmissão. (Souza, 2020, p.15).

No entanto, apesar desta pesquisa ser no campo da educação especial de música, reconhece outros campos do conhecimento, pois também têm relevância na vida e no desenvolvimento das pessoas com deficiência e nos processos de ensino.

Os avanços, retrocessos e novos estudos científicos levam a educação especial a passar por constantes mudanças e processos. Para Fontana (2018), se faz necessário conhecer as plurais e distintas contribuições que a ciência disponibiliza a respeito de um determinado tema, para assim, melhor desenvolvê-lo.

A EE de Música tem sido um tema de interesse com recorrência nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos colegas licenciandos em música da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), pois Fraga (2019) buscou descrever, analisar e refletir sobre os aspectos da sua formação e os percursos acadêmicos vivenciados por ela como discente cega no Curso de Música - Licenciatura.

Essa temática de TCC foi precedida pela colega Carla Daneris Valerio Rita, “Percursos didáticos, olhares e reflexões na perspectiva inclusiva no curso de licenciatura em música da UNIPAMPA”, porém Rita (2016), adotou a temática sob um ponto de vista diferente, que buscou compreender os percursos metodológicos adotados pelos professores para promover o processo de ensino-aprendizagem da Rosane Serpa de Fraga, primeira discente cega do Curso de Música - Licenciatura, desta instituição.

A Giovana Brizola Algarve Santos também discorreu sobre a EE de Música e como ela dialoga com a musicoterapia em um contexto de grupo da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), com o título “A Educação Musical e a

Musicoterapia: articulações educacionais e terapêuticas em um grupo inclusivo”. Santos (2018) contribuiu para a discussão que confirma que ambas contribuem entre si para o pleno desenvolvimento da pessoa com deficiência.

No presente trabalho, investigo como os professores de música superam o desafio da falta de formação específica que o prepare para a Educação Especial, suas alternativas metodológicas e pensamentos teóricos, no processo de construção de um estado da arte em contexto inclusivo e especial, por meio do mapeamento de produções acadêmicas em uma revisão bibliográfica em artigos de revistas e anais de congresso, buscando oferecer um olhar mais atento e sensível para perceber a importância da multiplicidade de perspectivas encontradas nas pesquisas já realizadas. A partir deste mapeamento, pretende-se apresentar os resultados neste trabalho de caráter bibliográfico, como algumas das muitas formas de ensinar e aprender, mesmo entendendo que existem outras possibilidades e múltiplos contextos.

A abordagem metodológica é qualitativa e a justificativa vem por meio da minha trajetória de vida e acadêmica. Pensando em organizar os dados coletados, optou-se por confeccionar uma planilha com tópicos a serem buscados nos textos analisados a fim de responder às minhas perguntas de pesquisa e entender como se dá o ensino especial de música.

Portanto, para a realização desta pesquisa e no desejo de compreender como pensar o ensino especial de música, as seguintes questões foram levantadas a fim de nortear o desenvolvimento deste trabalho: Quem são os/as pesquisadores/as interessados nessa temática no campo da Educação Musical? Quais são os pensamentos pedagógicos que fundamentam suas pesquisas? Quais os principais recursos utilizados nessas práticas educacionais do Ensino Especial de Música? Existem desafios e/ou possíveis lacunas a serem identificadas nas pesquisas já realizadas?

## **1.1 Justificativa**

A escolha deste tema se deu ao fato de ter minha trajetória de vida marcada por algumas experiências que me impactaram e fizeram participante do pensamento inclusivo com apropriação.

Conheci<sup>1</sup> a Educação Especial EE na sétima série do antigo 1º Grau, pois depois de quase dois anos estudando na mesma escola, descobri que lá havia uma sala de alunos com deficiência. O acesso ao corredor da sala da EE e ao pátio de recreação deles era proibido para os demais alunos regulares, sendo que, certa vez, minhas amigas e eu tentamos interagir com eles e fomos impedidas pelas cuidadoras, alegando que poderíamos machucá-los. Lembro que fiquei muito triste, pois esta não era nossa intenção.

Neste mesmo período, meu irmão passava por dificuldades de aprendizagem, mas não tínhamos laudo. Ele acabou abandonando os estudos na adolescência, antes de concluir a terceira série do antigo 1º Grau, pois sua idade estava bem diferenciada dos demais colegas daquela série e, além de envergonhar-se, tinha medo de ser reprovado novamente. Ele tinha enorme facilidade em aprender a fazer trabalhos manuais, mas na escola não conseguia aprender da mesma forma como as outras crianças aprendiam.

Na minha fase adulta, convivi com uma amiga cega, ela era musicista e como uma irmã para mim, sonhava em ser psicóloga, no entanto, não se adaptou às mudanças iniciais em sua escola no período de transição da Educação Especial de Integração para a implantação da Inclusiva, então deixou de frequentar as aulas e pouco tempo depois faleceu sem realizar seu sonho.

Já o meu irmão caçula, que nasceu com Síndrome de Down em um contexto diferente, teve um bom desenvolvimento suportado com atendimentos especializados e inclusivos, que contribuíram para sua qualidade de vida e múltiplas aprendizagens.

Quando fiz o Curso Normal no período de 2016 a 2018, no Colégio Estadual José Veríssimo em Magé-RJ, nas aulas de Pedagogias da Educação Inclusiva ministradas pela professora Sirley de Assis David, nos relatos de suas experiências atrelados aos conteúdos curriculares, ela demonstrava um amor dedicado à Educação Inclusiva (EI), o que certamente me cativou e motivou visitar o Centro de Referência em Educação Especial João Pedro de Souza Rosa, em 2018.

O percurso percorrido até aqui nortearam interesses e geraram algumas oportunidades durante minha formação no Curso de Música - Licenciatura da

---

<sup>1</sup> Opto por usar a primeira pessoa do singular quando o texto faz referência a minha trajetória educacional para justificar a escolha do tema de pesquisa.

Unipampa, Campus Bagé–RS. No primeiro ano de graduação, em 2019, realizei trabalhos com autistas no projeto de extensão Música e Saúde Mental, coordenado pela professora Dra. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira, realizado no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi), localizado no mesmo município.

No mesmo ano, também conheci a Rosane Serpa de Fraga, colega do curso, despertando em mim a curiosidade e interesse sobre a Musicografia Braille e as metodologias do ensino de música para cegos. Tal interesse possibilitou que eu trabalhasse junto à professora do Curso de Música Dra. Carla Eugenia Lopardo na transcrição dos áudios da discente Rosane para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema era “Processos de formação e trajetória de uma discente com deficiência visual em um curso de licenciatura em música”.

Continuando meu percurso, tive aulas no componente curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais) com o professor Surdo<sup>2</sup> Me. André Daniel Paixão, e devido aos vários desafios da educação pública, às vezes não tínhamos intérpretes em aula, mas ele não deixava que isso atrapalhasse o desenvolvimento das aulas, superando os desafios e se mostrando sempre comprometido com a aprendizagem da nossa turma. Estar do outro lado nesse processo me proporcionou um olhar ainda mais sensível a um ensino aprendizagem que supere as diferenças para uma comunicação efetiva, eficaz e atenciosa nos processos educativos inclusivos.

Com o retorno das aulas presenciais em 2022, após a pandemia de Covid-19, comecei um trabalho de monitoria, como bolsista voluntária no Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA) da Unipampa, onde tive experiências que me desafiaram e enriqueceram ainda mais minha admiração pela EE. Com esse trabalho no NInA tive o privilégio de acompanhar o primeiro semestre do primeiro aluno com dislexia do Curso de Mestrado em Ensino da Unipampa, participar de suas superações e conquistas naquele momento inicial e ver de perto o trabalho conjunto dos professores, em particular das Professoras Dra. Lisete Funari Dias e Dra. Franceli Brizolla, de quem pude estar mais próxima naquele período. E durante três semestres, acompanhei o percurso de uma colega do meu curso, que também foi a primeira aluna no Curso de Música - Licenciatura com laudo de

---

<sup>2</sup> A letra maiúscula no início da palavra é uma marca ideológica representativa do sujeito político cultural. (WILCOX; WILCOX, 2005).

Dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Estas experiências de trocas e interações foram de enorme significância para mim e impactaram minha visão de mundo.

Nessa perspectiva, entendo que tenho muito a descobrir e aprender dentro do campo da EE de Música, e acredito que este tema pode contribuir para a atuação dos educadores musicais no contexto inclusivo de ensino, como também em espaços que ofereçam o AEE.

Justifico meu interesse pela Educação Inclusiva (EI), pois acredito que todos somos e temos necessidades diferentes, que percebermos e nos relacionarmos com o meio de formas diversas, portanto um olhar inclusivo, cujo foco é nas relações interpessoais, pode possibilitar pensar as individualidades que constituem um todo, de modo a desenvolver estratégias propícias para a construção e desenvolvimento do conhecimento individual nos processos coletivos.

Acredito que esta pesquisa poderá contribuir para reflexões críticas de como os/as autores/as têm discutido e abordado a Educação Especial na atualidade e, se possível, apresentar um panorama sobre as principais características da Educação Especializada e Educação Inclusiva, sem fazer uma imersão no campo da musicoterapia.

Apesar da musicoterapia dialogar com a EE como discorre Santos (2018), utilizada como uma das alternativas para tratamentos terapêuticos e que também pode ser ofertada em espaços de AEE, ainda assim, o foco desta pesquisa está delimitada no campo da Educação Especial de Música enquanto área do conhecimento.

## **1.2 Objetivos e estruturação do trabalho**

Este trabalho procura construir um estado da arte de pesquisas dentro do campo da Educação Especial em Música, visando o entendimento das práticas e dos processos de ensino para uma melhor aprendizagem dos alunos com deficiência. Além disso, o estado da arte visa proporcionar ao professor um agrupamento das pesquisas que pode servir como base teórica para um melhor desenvolvimento profissional. Buscando entender como se dá este ensino, também

foram definidos alguns objetivos específicos que proponho para este trabalho: identificar pesquisadores/as interessados/as nessa temática; conhecer suas principais estratégias e recursos utilizados na Educação Especial de Música; examinar possíveis desafios ou possibilidades de novas pesquisas sobre o ensino de música para a pessoa com deficiência.

Neste capítulo introdutório foram apresentadas as justificativas pela escolha do tema e os objetivos desta pesquisa. A seguir, é expresso o marco teórico-metodológico com os autores que darão suporte ao seu desenvolvimento, depois segue a apresentação da pesquisa junto com a análise dos resultados, no qual apresento a revisão bibliográfica dos artigos da Revista da ABEM, da Revista e dos Anais do Congresso da ANPPOM na Subárea de Educação Musical, e após a triangulação dos dados, análise bibliográfica e as considerações finais.

## 2 MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como já foi dito anteriormente, o objetivo deste estudo é construir um estado da arte, pois Pereira (2013) argumenta sobre o estado da arte como sendo “uma pesquisa sobre a pesquisa, cujo objetivo fundamental consiste no mapeamento da produção de conhecimento em determinada área” com finalidade em si, para isso é possível coletar os dados utilizando a própria revisão bibliográfica, o que possibilitou que eles fossem sendo organizados em uma planilha.

A respeito da pesquisa bibliográfica, Gil (2002) diz que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Uma oportunidade de complementar aprendizagens no processo que é contínuo, pois, “além de permitir o levantamento das pesquisas referentes ao tema estudado, a pesquisa bibliográfica permite ainda o aprofundamento teórico que norteia a pesquisa” (Piana, 2009, p.120).

Portanto, o presente estudo foi realizado a partir de um levantamento bibliográfico, de modo a delinear um estado da arte sobre o tema da Educação Especial de Música em contexto dos Atendimento Educacional Especializado e da Educação Especial Inclusiva, já que

[...] o “estado da arte” é definido como um levantamento bibliográfico realizado em resumos e catálogos de fontes relacionados a um campo de investigação, com o objetivo de mapear e discutir certa produção científica/acadêmica em determinado campo do conhecimento. (Pereira, 2013, p. 222).

Apesar deste trabalho apresentar alguns dados quantitativos observados durante a pesquisa, que visam informar ao leitor e contextualizá-lo, o foco da metodologia deste estudo é de cunho qualitativo.

Esta pesquisa está fundamentada no pensamento das metodologias ativas e na abordagem do ensino híbrido, pois enquanto uma é a combinação do aprender juntos e a valorização dos percursos individuais, o outro foca na ação processual docente de planejar, desenvolver, avaliar os resultados obtidos e repensar sua ação pedagógica (MORAN, 2015, 2017).

O significado de ensino híbrido, tem tomado uma forma mais resumida após a pandemia de Covid-19, associado geralmente ao ensino presencial e online ou

síncrono e assíncrono, porém no contexto desta pesquisa adotaremos conceitos mais amplos do híbrido, pois

Na educação acontecem vários tipos de mistura, blended ou educação híbrida: de saberes e valores, quando integramos várias áreas de conhecimento (no modelo disciplinar ou não); blended de metodologias, com desafios, atividades, projetos, games, grupais e individuais, colaborativos e personalizados. Também falamos de tecnologias híbridas, que integram as atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais. Híbrido também pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. Híbrido também é a articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os informais, de educação aberta e em rede. Híbrido implica em misturar e integrar áreas diferentes, profissionais diferentes e alunos diferentes, em espaços e tempos diferentes. (Moran, 2015, p. 28).

As pesquisas na formação docente, tanto inicial como na continuada, podem impactar em suas múltiplas formas de aprendizagens e ensinamentos, visando estabelecer um educador musical que possibilite ao aluno com deficiência não somente o aprender, mas também o ensinar e o compartilhar seus conhecimentos musicais, como também

[...] ao abordarem a temática da educação musical em contexto de inclusão de alunos com deficiências, contribuem para ampliar as discussões sobre adaptações estruturais das salas de aulas, criação de material adaptado e, principalmente, para reforçar a importância da formação de professores de música para atuarem nesse contexto. Assim, abrem-se espaços para outras agendas de pesquisa, particularmente aquelas dirigidas às conexões entre as possibilidades de atuação do professor de música no contexto de inclusão. (Schambeck, 2017, p. 24).

Desde a educação básica o aluno que tem deficiência deve ser visto e tratado por suas possibilidades de aprendizagens oferecendo contribuições para seu desenvolvimento, isso pode proporcionar a alguns a atuarem como músicos, seja no âmbito artístico e/ou como docente, em espaços formais ou informais, visto que a habilidade instrumental ou a falta dela não está ligada exclusivamente à pessoa devido às deficiências, apesar de que

Muitos, inclusive professores de música, acreditam que a música para uma pessoa com deficiência só tem utilidade e função como terapia ocupacional ou reabilitação, o que de fato, dificulta o desenvolvimento da educação musical especial no Brasil. (Louro, 2013, p. 4).



Para o desenvolvimento da pesquisa, em um primeiro momento a ideia do estudo, tendo em vista o curto tempo para ser realizada, foi focado nos trabalhos publicados na Revista da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), na Revista Opus e na Subárea Educação Musical dos Anais do Congresso da ANPPOM (Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Música), num recorte de tempo que corresponde ao período do ano de 2018 a 2022.

O passo inicial foi construir uma planilha<sup>3</sup> para organizar as informações de todos os arquivos encontrados e traçar um parâmetro quantitativo, mesmo não sendo o foco principal da pesquisa, em relação aos demais arquivos selecionados para comporem o material bibliográfico a ser analisado.

Como critério de seleção foi considerado os arquivos que tinham a temática da Educação Especial de Música abordada diretamente no título e/ou no resumo, e que não se desenvolvesse num foco perspectivo da musicoterapia e sim da educação. Estes arquivos foram destacados em vermelho e os demais permaneceram com letras pretas.

Foi percebido que a produção textual das pesquisas deste tema diminuiu durante o período de isolamento social devido à pandemia da Covid-19, correspondendo ao período dos anos de 2020 a 2021; revelando lacunas de possíveis recursos e/ou conhecimentos hábeis para que profissionais desta área produzissem pesquisas ou atuassem, de modo mais expressivo, nesta modalidade de ensino especial de música com práticas educacionais a distância.

A planilha foi confeccionada no Google Excel com o título “Planilha da Revisão Bibliográfica para o TCC”, constituída por quinze páginas, porém as três primeiras páginas contendo seis colunas com os seguintes tópicos: Link para Download do arquivo em PDF, Título, Autor(es), Ano, Fonte, Palavras-chave. O propósito foi ler os resumos, durante o levantamento, de todos os artigos e identificar os que iriam ser lidos na íntegra, para assim fazer a análise dos resultados da revisão bibliográfica.

---

<sup>3</sup> A planilha na íntegra está disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit?usp=sharing>

A primeira página<sup>4</sup>, apresenta os arquivos da Revista da ABEM, a segunda página<sup>5</sup>, os da Revista Opus e a terceira página<sup>6</sup>, os arquivos da Subárea de Educação Musical dos Anais do Congresso da ANPPOM.

As linhas nas três primeiras páginas, cujas letras estão destacadas na cor vermelha, constituem a quarta página<sup>7</sup>, a da revisão bibliográfica, acrescida de mais quatorze colunas com os seguintes tópicos: Obra, Tipo de Deficiência, Objetivo Geral, Objetivos Específicos, Fundamentação Teórico Pedagógico, Revisão de Literatura, Revisão Bibliográfica, Abordagem, Referencial Teórico Metodológico, Metodologia, Educação Inclusiva, AEE em Aula individual, AEE em Aula Coletiva, Recursos / Estratégias.

Após os textos serem selecionados, a planilha continuou sendo utilizada para organizar os dados observados, por isso os novos tópicos foram acrescentados aumentando o número de colunas na quarta página. Estes tópicos nortearam a coleta de dados da pesquisa durante a leitura dos textos, e a planilha ajudou a organizar o pensamento de forma visual dos resultados obtidos. A leitura na íntegra dos artigos possibilitou a análise qualitativa da revisão bibliográfica, a fim de responder às questões levantadas para esta pesquisa.

A quinta página<sup>8</sup>, consiste apenas na reorganização da página anterior, agrupando os tipos de deficiência, e as demais páginas são recortes de partes das páginas quatro e cinco para a apresentação dos dados e análise neste trabalho, ajudando no processo de triangular os dados de forma mais específica.

Os arquivos estudados estavam em PDF, possibilitando que na leitura dos textos fosse utilizado o recurso de leitura visual simultaneamente com a leitura em áudio acelerado, por meio do “Read Aloud: A Text to Speech Voice Reader”, uma extensão do Google Chrome. Foram feitos também fichamentos dos textos revisados, destacando pontos que queria retomar de forma mais rápida para

---

<sup>4</sup> Primeira página: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit#gid=0>

<sup>5</sup> Segunda página: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit#gid=37851390>

<sup>6</sup> Terceira página: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit#gid=266300426>

<sup>7</sup> Quarta página: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit#gid=1698830680>

<sup>8</sup> Quinta página: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1geh06GywHXIkeHPb3ZSdJdaNrsmoiAwq15aFlsfpnbs/edit#gid=672346498>

auxiliar nos estudos e nas confecções dos textos a serem acrescentados neste trabalho.

### 3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Entre o período de 2018 a 2022 correspondente ao recorte de tempo proposto para realizar as pesquisas de trabalhos na Revista da ABEM, Revista Opus e na Subárea de Educação Musical dos Anais do Congresso da ANPPOM, foram encontrados e dispostos na primeira página da planilha cento e seis artigos na Revista da ABEM, porém, seis publicações eram sobre a temática da educação especial de música, os quais são:

Quadro 1 - Artigos da Revista da ABEM

Título	Autor(es)	Ano
Educação Musical e Transtorno do Espectro Autista: análise da produção em revistas brasileiras de Artes/Música Qualis A1 e seus Anais de Eventos Regionais e Nacionais (2006-2016)	Paulyane Nascimento Zimmer, Jéssika Castro Rodrigues, Áureo Déo DeFreitas	2018
Auris Keyboard: ferramenta de auxílio ao treinamento de percepção musical para pessoas surdas	Caio Vinícius Pereira de Sá, Carlos Eduardo Coelho Freire Batista, Donately da Costa Santos	2019
Produção acadêmica sobre música e surdez: o que revelam as publicações brasileiras	Mércia Santana Mathias	2019
O processo de leitura e escrita de partituras e os desafios da cegueira congênita na perspectiva de Vigotski	Wellington Keffer, Douglas Christian Ferrari de Melo, Vilson Zattera	2021
Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: Escola Livre de Música como espaço inclusivo	Mara Síntique Del Guerra Valério, Regina Finck Schambeck	2021
Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas	Gleisson do Carmo Oliveira, Maria Betânia Parizzi, Renato Tocantins Sampaio, Erika Maria Parlato de Oliveira	2022

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM.

Na segunda página da tabela estão dispostos os cento e noventa e nove

artigos encontrados na Revista Opus, mas apenas três publicações abordavam a temática da educação especial de música:

Quadro 2 - Artigos da Revista Opus

Título	Autor(es)	Ano
“O diploma é a coisa mais importante do mundo!”: relato de um caso de estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para adquirir um diploma no curso técnico em música, a partir da visão do aluno e de sua cuidadora	Jessika Castro Rodrigues, Áureo Deo DeFreitas Júnior	2018
Procesos de decodificación de la partitura braille	Adriano Chaves Giesteira	2019
Validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA): análise semântica, interexaminadores, consistência interna e confiabilidade externa	Marina Freire, Jéssica Martelli, Renato Sampaio, Betânia Parizzi	2019

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista Opus.

Já na terceira página da tabela é possível encontrar os duzentos e doze artigos encontrados na Subárea da Educação Musical dos Anais de Congresso da ANPPOM, no entanto, doze publicações são a respeito da educação musical para pessoas com deficiência.

Quadro 3 - Anais dos Congressos da ANPPOM

Título	Autor(es)	Ano
A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música de uma escola de ensino regular da cidade de Pelotas–RS	Andréia Cristina de Souza Lang, Regiana Blank Wille	2019
Ensino de piano para uma aluna surda: relato de experiência	Marisa Nóbrega Rodrigues, Aluska Danyelle de Souza Guimarães, Patrícia Belisário Souza Albuquerque	2019
Estímulo vocal musical de crianças com autismo	Regiana Blank Wille, Luana Medina de Barros	2019
Música é linguagem? E o que o autismo tem a ver com isso?	Sergio Alexandre de Almeida Aires Filho	2019
Desenho de aplicativo mobile para auxiliar estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras no	Tarsilla Castro Rodrigues da Silva, Jessika Rodrigues da Silva, Áureo Deo DeFreitas Júnior, Kátia Regina Sabel	2021

desenvolvimento de pesquisa científica	Mota	
Educação musical e autismo: Um estudo sobre a percepção das mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos nas aulas de musicalização	Sergio Alexandre de Almeida Aires Filho	2021
Educação musical e paralisia cerebral: Rompendo paradigmas para a inclusão de um aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda em uma escola livre de música	Mara Síntique Del Guerra Valério, Regina Finck Schambeck	2021
Pierre Bourdieu: aproximações teóricas em diálogo com a educação musical especial e políticas de inclusão	Vinicius Alves Maciel, Regina Finck Schambeck	2021
Revisão Bibliográfica sobre pesquisas na área de deficiência visual e música: teses e dissertações	Andréa Menezes da Costa Gama	2021
A implementação metodológica de pesquisa sobre a educação musical para crianças e jovens com necessidades educacionais específicas em Minas Gerais	José Soares, Maria Odília de Quadros Pimentel, Luana Soares Pereira, Marcelo Soares Martins	2022
Avaliação do paper prototyping de aplicativo mobile MOVE como facilitador para o desenvolvimento de pesquisa de estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras	Tarsilla Castro Rodrigues da Silva, Jessika Rodrigues da Silva, Aureo Deo Defreitas Júnior, Katia Regina Sabel Mota	2022
O Ensino de Piano e o Autismo: o que as pesquisas dizem?	Maria Teresa de Souza Neves, Betânia Parizzi	2022

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Anais dos Congressos da ANPPOM.

Portanto, dos quinhentos e dezessete trabalhos encontrados, somente vinte e um artigos atenderam os requisitos de ter a temática da Educação Especial de Música abordada diretamente no título e/ou no resumo, e que não se desenvolvesse num foco perspectivo da musicoterapia e sim da educação musical. Sendo assim, passaram a integrar esta revisão bibliográfica a fim de prosseguir o processo de análise.

### **3.1 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos artigos da Revista da ABEM**

Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018), também fizeram um levantamento

bibliográfico, mas para abordar os procedimentos de ensino de música a alunos com Transtorno do Espectro Autista. Constatou-se que a quantidade de artigos publicados sobre esta temática é muito inferior quando comparado aos demais, pois dos 3.844 artigos pesquisados, apenas 16 abordavam o tema no referente período da pesquisa, entre 2006 e 2016, em revistas sobre educação musical, Qualis A1, anais de eventos da ANPPOM e ABEM. Pontuam que em um período em que as

Abordagens sobre o TEA têm crescido exponencialmente, em todas as áreas, dadas as implicações desenvolvimentais das características deste quadro clínico, a ampliação de ferramentas diagnósticas e a capacitação de profissionais de diversas áreas para avaliação e tratamento deste. Nesse sentido, é crucial que pesquisadores de educação musical e TEA possam formalizar a divulgação de resultados de seus trabalhos nesta área em revistas de grande alcance e com critérios científicos confiáveis. (Zimmer; Rodrigues; DeFreitas, 2018, p. 153).

No trabalho de Sá, Batista e Santos (2019), foi aplicada a ferramenta, Auris Keyboard, que eles desenvolveram para simular a sonoridade musical por meio de vibração para alunos Surdos. Descrevem como estão dispostos os componentes que constituem o dispositivo, sua dinâmica e utilização de forma descritiva e também e com ilustrações, para a identificação dos intervalos melódicos e dos padrões rítmicos. A pesquisa constatou que

A representação rítmica se mostrou eficaz para ambos os grupos, tornando maior o índice de acertos em sua identificação e reprodução, até mesmo para os indivíduos surdos, que em sua maioria não haviam tido contato anterior com os elementos da música. Tal parâmetro pode auxiliar os indivíduos surdos no estudo prático em instrumentos percussivos. (Sá; Batista; Santos, 2019, p. 39).

Mathias (2019), pesquisa a educação especial por meio da revisão sistemática de literatura sobre a temática música e surdez, apresentando em seu artigo o levantamento de 96 produções, dentre elas: teses, dissertações, monografias e trabalho de conclusão de curso (TCC); artigos, resumos, relatos; Anais de eventos científicos; livros e capítulos de livro. Distribuídos sob temáticas, como: o direito à educação e acesso aos bens culturais; a importância da música no processo educacional; as práticas musicais com pessoas surdas ou deficientes; e a visão dos Surdos em relação à música.





O levantamento bibliográfico, entre 2014 e 2018, foi realizado nos bancos de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); SciELO (Scientific Electronic Library Online [Biblioteca Científica Eletrônica On-line]); Periódicos Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); Microsoft Academic Search e Associação Brasileira de Educação Musical (Abem). Também foram feitas buscas sistemáticas no mercado editorial brasileiro. Os descritores utilizados foram música e surdez. (Mathias, 2019, p. 72-73).

Keffer, Melo e Zattera (2021) analisaram as contribuições docentes no processo de ensino aprendizagem da notação musical por meio da musicografia braille como material pedagógico relevante para possibilitar a inclusão social de alunos cegos nos ambientes acadêmicos de formação musical. Sua pesquisa observou que

O processo de aprendizado, internalização e interpretação dos sinais musicais não dependem exclusivamente do estudante cego, mas, sim, de todo um trabalho mediado por um professor que conheça a grafia braille. Tanto o meio social quanto o professor são elos de mediações importantes para o processo de formação desses estudantes. (Keffer; Melo; Zattera, 2021, p. 42-43).

Valério e Schambeck (2021) trouxeram autores para fundamentar diferenças entre a musicoterapia e a educação musical, como, por exemplo, Ockelford (2000), pontuando a relevância do caráter formativo do musicoterapeuta em relação a do licenciado em música, que em dado contexto não tem uma formação específica para atuar no ensino de pessoas com deficiência. Esta pesquisa mostrou a importância desempenhada pela professora, sob a perspectiva da reflexão-na-ação e sobre a ação, no desenvolvimento de estratégias, nas adaptações das partituras, na flexibilização das metodologias e tempos de aprendizagem para o aluno de piano com Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda (PCHEE) pudesse superar seus desafios, possibilitando novos processos e novas aprendizagens, permitindo

[...] que as estratégias adotadas fossem repensadas constantemente, o que reverberou positivamente não apenas no aluno, que passou a estudar fora do ambiente escolar, criando proximidade entre Pedro e o instrumento, mas também nos contextos das aulas e nas interações social e musical dos alunos. A interação social pôde ser observada nos diálogos com os demais alunos da escola, e a musical, quando o aluno executou com equidade junto aos demais alunos do grupo. (Valério; Schambeck, 2021, p. 312).

Oliveira, Parizzi, Sampaio e Oliveira (2022) relataram no artigo uma

pesquisa de doutorado, buscando relacionar em autistas possíveis relações no desenvolvimento da comunicação social através da Educação Musical Especial. Utilizaram três escalas no aferimento deste desenvolvimento, ABFW-Teste de Pragmática, Escala DEMUCA e IMTAP.

Em síntese, por todo o exposto, ficou perceptível que, pela Educação Musical Especial, é possível promover o desenvolvimento de habilidades musicais e gerais da criança autista. Ficou evidente, ainda, que os comportamentos restritivos, oriundos do autismo, podem ser amenizados por meio de uma prática musical sistematizada, tal qual a realizada pela presente pesquisa. (Oliveira; Parizzi; Sampaio; Oliveira, 2022, p. 11).

### **3.2 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos artigos da Revista Opus**

Rodrigues e DeFreitas Júnior (2018), estudaram a trajetória do processo formativo de um estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em um curso técnico em música, utilizando uma entrevista semi estruturada para colher os relatos do próprio estudante e de sua cuidadora. Esta investigação não se restringe ao período do curso, mas descreve o trajeto do aluno, cujo pseudônimo é João, desde o período do seu diagnóstico, aos dois anos, e os impactos positivos e negativos ao longo de sua vida e as interações que influenciam nas suas superações. Pois

Compreender o processo de formação deste estudante com TEA é refletir acerca da negação de oportunidade a despeito da deficiência. Esse prejulgamento pode causar a anulação da percepção, ofuscar o olhar, não enxergar o artista e a sua arte e minimizar o valor e a importância da produção deste. O reconhecimento oficial da habilidade em música ganha relevância no caso do estudante com TEA. O diploma torna-se uma conquista palpável que promove a abertura de novas oportunidades tanto para a continuidade de estudos em música como para a comprovação profissional. (Rodrigues; DeFreitas Júnior, 2018, p. 153).

Giesteira (2019), investigou processos metodológicos do ensino aprendizagem de musicografia em braille para transcrição e interpretação das partituras, analisando os critérios primordiais para este tipo de ensino, caracterizando habilidades que precisam ser desenvolvidas no aluno neste processo, e estratégias facilitadoras usados pelos professores. Foi necessário

enviar o questionário para profissionais de países diferentes, devido à dificuldade de encontrar o número de pessoas necessário que possuíssem algum conhecimento intermediário ou avançado de musicografia braille e que tivessem comprovada experiência docente no ensino musical para pessoas com deficiência visual, como também na transcrição de partituras em braille. No entanto

No se considera imprescindible que el profesor sin discapacidad visual domine profundamente el sistema braille, no obstante es necesario que el profesor conozca la estructuración de la musicografía braille, así como los procedimientos utilizados para lectura y escritura musical en braille. Dominar estos fundamentos contribuirá para que el proceso de enseñanza y aprendizaje sea lo más fluido posible. (Giesteira, 2019, p. 22).

Freire, Martelli, Sampaio e Parizzi (2019), realizaram um trabalho de validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA), um método brasileiro desenvolvido em 2015 para os contextos da educação inclusiva e educação especial, e pode ser aplicada por musicoterapeutas e por professores de música. O resultado da análise evidenciou seu uso como um instrumento de avaliação para mensurar o desenvolvimento musical de crianças com autismo, porém a validação ainda não foi feita em outros contextos, como da educação musical, mas apenas no musicoterápico.

Na versão atual, a Escala DEMUCA é dividida em 6 categorias: Comportamentos restritivos, Interação social/Cognição, Percepção/Exploração rítmica, Percepção/Exploração sonora, Exploração vocal e Movimentação corporal com a música. A avaliação dessas sete diferentes categorias engloba 38 itens que descrevem comportamentos ou habilidades da criança, com três níveis de respostas para cada item: “não”, “pouco” e “muito”. A avaliação visa possibilitar o acompanhamento dos ganhos de cada criança a partir de suas próprias pontuações, indicando tanto áreas com maior potencial como áreas com maiores dificuldades. (Freire; Martelli; Sampaio; Parizzi, 2019, p. 161).

### **3.3 Discussão a partir da revisão bibliográfica dos Anais do Congresso da ANPPOM na Subárea de Educação Musical**

Num estudo de caso, Lang e Wille (2019) investigaram com um olhar atento às ações de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento da inclusão musical de um aluno com TEA no cotidiano escolar público, numa turma de primeiro ano do

ensino fundamental no município de Pelotas–RS, revelando a importância da capacitação profissional inclusiva e a sensibilidade de todos os envolvidos nestes tipos de processos para que a inclusão aconteça verdadeiramente, pois se entende que a

Inclusão é quando o conteúdo, os objetivos, e a metodologia se adaptam ao aluno e assim permite-se que o aluno goze de pleno aproveitamento e desenvolvimento das atividades propostas em conjunto com a turma. O que precisamos fazer como educadores musicais é buscar esses métodos e adaptações de forma a estarmos aptos a de fato incluirmos nossos alunos com deficiência em sala de aula. (Lang; Wille, 2019, p. 7).

O trabalho de Rodrigues, Guimarães e Albuquerque (2019), é um relato reflexivo dos resultados obtidos através dos percursos metodológicos e adaptações em uma vivência musical introdutória, composta por quatro aulas particulares, que resultaram depois na continuação da estudante Surda em aulas de piano, numa escola especializada em música. As autoras fazem menção da importância que tiveram os conhecimentos obtidos para lecionar o componente curricular de Educação Musical Especial, que contribuíram na elaboração e adaptações deste projeto, dentre outros.

Ao lecionarmos a disciplina Educação Musical Especial, no âmbito do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tivemos acesso a pesquisas na área da educação musical para pessoas com deficiência, o que transformou a nossa visão sobre essa questão, especialmente, para os surdos. Foram realizados vários trabalhos, fruto dessa disciplina, entre eles, destacamos a nossa participação no VI e VII Encontro sobre Música e Inclusão, no qual apresentamos duas experiências referentes ao ensino de música para cego e pessoa com Síndrome de Down (Rodrigues et.al 2018, 2019, no prelo apud Rodrigues; Guimarães; Albuquerque, 2019, p. 2).

Wille e Barros (2019), investigaram como o estímulo vocal musical influencia o desenvolvimento infantil de autistas, observando dois alunos em contexto inclusivo de musicalização. Compartilha a dificuldade em encontrar trabalhos para sua revisão de literatura que abordasse o tema de forma mais específica, e também destaca que a aprendizagem vai além da parte técnica, mas que envolve outros fatores sensíveis, pois

O olhar sobre as individualidades e a atuação como mediador permite utilizar a música de forma lúdica contribuindo para aprender a conviver com os outros, a aprender com a diferença, a aprender a ser. Olhar alunos com autismo foi também uma forma de mudar o modo de olhar, mudar a relação com o objeto, uma forma de aprender como inesperado ou o novo, muito mais do que olhar a deficiência ou incapacidade dos meninos. Foi possível perceber um campo rico de experimentações, onde todos podem ganhar com aquilo que aprendem juntos. (Wille; Barros, 2019, p. 7-8).

O trabalho de Aires Filho (2019), analisou a interação social de autistas e fomentou a discussão sobre como a música atua no cérebro no auxílio ao desenvolvimento da comunicação e interação por meio da linguagem musical na educação. Como resultado, observou a relação direta da música no desenvolvimento da comunicação de crianças autistas, através do papel pedagógico do professor de música. Porque

Os problemas relacionados ao comprometimento da linguagem não são totalmente explicados pelas falhas de conexão cerebral dessas crianças, mas podem estar ligados a um estímulo subestimado do giro frontal inferior esquerdo. É como se essa área fosse um fusível que não é acionado no dia a dia. Com a música, ativamos-lo e proporcionamos o desenvolvimento da linguagem, melhorando a interação social e o processamento da fala. (Aires Filho, 2019, p. 7).

Silva, Silva, DeFreitas Júnior e Mota (2021), descrevem o desenho do aplicativo em desenvolvimento para auxiliar alunos de graduação em música com privações intelectuais, sensoriais e motoras, no desenvolvimento de pesquisas científicas por meio da tecnologia assistiva de inclusão. Relatando como surgiu e se desenvolveu o aplicativo até sua primeira fase e detalhando pesquisas que corroboram para este protótipo, além de apresentar o "Mobile Move" em suas seis fases de uso, para o estudante construir o trabalho de pesquisa. Exemplificam de forma ilustrativa e compartilha informações, que os pesquisadores sugerem para o desenvolvimento desse tipo de software, levadas em consideração para o desenho do aplicativo, como que

Durante o desenvolvimento desta pesquisa houve o cuidado de buscar informações a respeito da Lei Brasileira de Inclusão, das barreiras encontradas por pessoas com deficiência na utilização de tecnologias e dos padrões da W3C, considerando que são compreensões fundamentais para o desenvolvimento de softwares acessíveis. (Silva; Silva; DeFreitas Júnior; Mota, 2021, p. 10).

Aires Filho (2021), traçou o caráter evolutivo do diagnóstico autista e

analisou de forma interpretativa, a partir da ótica dos pais, o desenvolvimento infantil aliado à musicalização, realizada na Paraíba no Instituto Redescobrimdo o Autismo (IRA), enquanto professor pesquisador da instituição. Apresenta um quadro sequencial do plano das aulas que ele ministrou, como também relata a importância da observação participativa dos pais nas práticas musicais e transformações ocorridas nos comportamentos dos alunos. Portanto,

[...] o intuito do processo investigativo foi observar os comportamentos dos participantes das aulas de musicalização, bem como colher impressões, depoimentos, conceituações, levando em conta a subjetividade das pessoas envolvidas na pesquisa, seus anseios, suas visões de mundo, suas percepções e pontos de vista com relação às aulas de musicalização e ao desenvolvimento das crianças atendidas pelo Instituto Redescobrimdo o Autismo. (Aires Filho, 2021, p. 3).

Valério e Schambeck (2021) trouxeram mais um trabalho sobre sua pesquisa de mestrado na temática da inclusão musical a alunos com paralisia cerebral e o papel de relevante importância desempenhado pela professora nos processos de aprendizagem, no desenvolvimento de estratégias, nas adaptações das partituras, flexibilizando as metodologias e respeitando os tempos de aprendizagem para o ensino de piano de uma pessoa com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda (PCHEE), no contexto de uma escola livre em Bauru–SP. Apresentam a perspectiva de fomentar a discussão e compartilhamento de experiências a fim de dar oportunidade a outros alunos, em semelhante condição, ao acesso à educação musical.

Louro (2016) também discorre a relevância de compreender a diferença da música como reabilitação e como processo de ensino e aprendizagem. A autora salienta que as práticas de ambas se diferenciam, mas com um objetivo em comum: o sujeito participante, seja da musicoterapia ou dos processos de ensino e aprendizagem musical. (Valério; Schambeck, 2021, p. 7-8).

O trabalho de Maciel e Schambeck (2021) apresenta o referencial teórico de pesquisa de mestrado, uma investigação sobre o ingresso e permanência de alunos inclusos nas licenciaturas em música das universidades federais como o reflexo das mudanças atitudinais no espaço acadêmico. Analisando a realidade ante as leis inclusivas, fundamentado nos conceitos de habitus e campo de Pierre Bourdieu, entendendo que

[...] a relação entre o subcampo e o habitus fornecerá a chave para a compreensão das práticas de inclusão que se desenrolam nos cursos de Licenciatura em Música. Pois, o habitus próprio do subcampo se evidenciará de maneira a revelar que suas práticas correspondem ou não às demandas específicas desse grupo de estudantes. (Maciel; Schambeck, 2021, p. 7-8).

O estudo de Gama (2021) é uma revisão bibliográfica em dissertações e teses publicadas entre os anos de 2006 e 2020, a procura de trabalhos que abordam o tema da educação musical a deficientes visuais usuários ou não do sistema braille. Considerando a significativa diversidade encontrada que distingue cada indivíduo cego, buscou conhecer as produções científicas produzidas no campo da deficiência visual, identificando algumas lacunas como a necessidade de investigar de forma mais específica o ensino de música sem o recurso braille, e a abordagem metodológica para crianças cegas no ensino aprendizagem de música.

Neste levantamento foram computados apenas os resultados que investigavam a pessoa com deficiência visual em sua relação com a música. Nos resultados retornados foram encontradas 30 pesquisas, sendo 21 dissertações e 9 teses. (Gama, 2021, p. 3).

O trabalho de Soares, Pimentel, Pereira e Martins (2022) teve origem na pesquisa “A educação musical para crianças e jovens com necessidades educacionais específicas em Minas Gerais: um mapeamento dos recursos, adaptações e estratégias pedagógico-musical adotadas em contexto musical escolar e não escolar”. Examinaram as práticas pedagógicas musicais adotadas pelos docentes nos mais diversos espaços de educação musical para jovens e crianças com necessidades educacionais específicas, em espaços formais e não-formais de ensino, em Minas Gerais. O trabalho, que estava na segunda fase no período da publicação, discute os aspectos da pesquisa, o caráter de implementação metodológica e os desafios encontrados, mapeando o passo a passo dos pesquisadores. Acreditando que

[...] a pesquisa tende a promover não apenas impactos educacionais, que é o nosso principal foco, ao propor tal mapeamento, mas, a médio e longo prazos, poderá provocar também impactos sociais e culturais, implementando melhorias no cenário do ensino de música para crianças e jovens com necessidades educacionais específicas. (Soares; Pimentel; Pereira; Martins, 2022, p. 8).

A pandemia deu um olhar mais atento quanto a importância das tecnologias no âmbito acadêmico, portanto Silva, Silva, Defreitas Júnior e Mota (2022) avaliaram a eficácia do paper prototyping do aplicativo “Mobile Move”, como objeto de acessibilidade para pesquisadores iniciantes com privações motoras, sensoriais e intelectuais. Os dados coletados promoveram reflexões mais amplas que identificaram pontos a serem melhorados no desenvolvimento do aplicativo.

[...] no relato geral dos avaliadores quanto à abordagem pedagógica, o Move é um aplicativo facilitador e atende aos quesitos avaliados. [...] quanto às características da qualidade do aplicativo, os avaliadores destacam como aplicativo muito eficaz e que está muito bem modelado no sistema. [...] os avaliadores 1, 2 e 4 destacaram que é pleno para aplicação e indicaram ajustar palavras nos comandos para facilitar entendimento dos usuários. Os avaliadores 3 e 5 destacaram que os itens desse quesito não foram avaliados, centraram-se teoricamente nas funções do aplicativo, pois se trata apenas do desenho. Ressaltaram a necessidade de implementar alguns recursos de acessibilidade e interação/colaboração com outros usuários: “em vez da opção de exportar para word, poderia ser exportado para o drive e até mesmo possibilitar o compartilhamento do resultado mesmo com outros usuários” (AVALIADOR 5). (Silva; Silva; DeFreitas Júnior; Mota, 2022, p. 8-9).

O trabalho realizado por Neves e Parizzi (2022), como fruto de uma pesquisa em andamento do doutorado, relaciona o TEA com o ensino do Piano relatados no ResearchGate e Scopus e nos periódicos da CAPES, buscando o fortalecimento dessas ações em meio a educação musical. O levantamento encontrou trinta e três pesquisas que tratam do como utilizar o piano nas aulas para autistas, retratando os resultados alcançados ante aos desafios encontrados, destacando que

[...] um professor estudioso e sensível poderá impactar positivamente os alunos com TEA, à medida que buscar conhecer as singularidades do universo de seu aluno, planejar suas aulas de modo a promover rotinas estruturadas, regras claras, ambientes organizados e previsíveis, e compreender as tensões psicológicas, sociais e emocionais que esses indivíduos passam durante o processo de aprendizagem musical. (Neves; Parizzi, 2022, p. 8).

Nas últimas seções foram apresentados os textos de todos os autores selecionados para a revisão bibliográfica deste trabalho. Todavia, nas seções seguintes, estes textos serão representados em tabelas seccionadas, com o propósito de fazer uma explanação das informações extraídas e de contemplar as temáticas abordadas neste estudo.



### 3.4 Triangulação dos dados e análise bibliográfica

Yin (2001) argumenta que com o uso da triangulação dos dados, pode-se “dedicar ao problema em potencial da validade do constructo, uma vez que várias fontes de evidências fornecem essencialmente várias avaliações do mesmo fenômeno”. Esta pesquisa reuniu trabalhos sobre relatos de experiência, estudo de caso, aporte teórico metodológico, revisões bibliográficas, dentre outros.

Foi observado que das três pesquisas que abordam o ensino de música para pessoas cegas e/ou deficientes visuais, Keffer, Melo; Zattera (2021) e Giesteira (2019) tratam o ensino com a Musicografia Braille como método pedagógico, já Gama (2021) defende também a importância de estudos de outras metodologias que contemplem alunos que não se adaptem ao braille, porém ambos relatam a dificuldade e importância de encontrar professores hábeis neste campo empírico e a necessidade de geração de pesquisas e formação específica.

Quadro 4 - Cegueira e deficiência visual

Tipo de Deficiência	Obra	Fundamentação Teórico Pedagógico	Recursos / Estratégias
cegueira e deficiência visual	Giesteira (2019)	Acessibilidade pedagógica.	Método de violão adaptado em braille; transcrição de partituras; memorizar uma passagem musical antes de tocá-la; observe que no violão e em outros instrumentos de cordas, as notas não são ordenadas linearmente, o que a princípio pode causar confusão na identificação da localização das notas em suas oitavas correspondentes. O piano pode ser uma ferramenta eficiente para auxiliar na compreensão desses conceitos, uma vez que as notas e oitavas são arranjadas de forma linear e sequencial. O início e o fim de cada oitava ficam claros, contando as notas brancas começando na primeira nota do piano. A utilização de programas computacionais de escrita musical também pode auxiliar o aluno na representação desses sinais, pois permite relacionar o sinal Braille com a altura sonora correspondente.
cegueira	Keffer, Melo e Zattera (2021)	Psicologia histórico-cultural de Vigotski acerca da deficiência e do	Musicografia braille para o ensino da notação musical; os leitores de tela NVDA (NonVisual Desktop Access) e o JAWS (Job Access Work Speech); máquina fusora Teca--Fuser7 e máquina para termoformagem.

		processo de aprendizado.	
deficiência visual	Gama (2021)	Pedagogia da diversidade e Pedagogia inclusiva.	Musicografia como ferramenta pedagógica; adaptações da partitura em Braille para o violão; Cuchi (2013) e Tofani (2012) que apresentam recursos tecnológicos que auxiliam as transcrições entre Braille e tinta. Souza (2014) sugere a possibilidade de uma partitura ser narrada, como uma “musicodescrição”, de forma que um leitor de partituras em Braille pudesse compreender o que está sendo transmitido.

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM. Artigos da Revista Opus e Anais dos Congressos da ANPPOM.

Valério e Schambeck (2021) trazem o processo do ensino aprendizagem instrumental do piano na perspectiva de contemplar alunos com Paralisia Cerebral com Hemiplegia Espástica Esquerda (PCHEE), para isso, apresentam dois artigos, um na ANPPOM e outro na ABEM, compartilhando os processos e reflexões sobre a prática pedagógica, trazendo os resultados obtidos, como também os desafios que encontrou no processo de ensino, e como foram sendo superados em conjunto a outros fatores e tratamentos.

Enquanto um artigo apresenta a revisão bibliográfica e caminho metodológico, o outro aborda as adaptações pedagógicas e estratégias de ensino. Houve dificuldades em achar pesquisas específicas no ensino aprendizagem de piano de alunos com PCHEE, pois com as autoras mencionam, por se tratar do piano ser um instrumento ainda elitizado para alta desempenho e também por ainda não ter uma formação específica para professores no campo da Educação Especial de Música.

A fundamentação teórico pedagógica dos dois trabalhos, está centrada na Prática Pedagógica Reflexiva, e fala da necessidade de adaptação de cifras e partituras e estímulos musicais customizados, que fazem parte da abordagem PONTES, que busca encontrar caminhos e alternativas metodológicas.

Quadro 5 - Paralisia Cerebral Hemiplérgica Espástica Esquerda

Tipo de Deficiência	Obra	Fundamentação Teórico Pedagógico	Recursos / Estratégias
Paralisia Cerebral Hemiplérgica Espástica Esquerda	Valério e Schambeck (2021)	Prática Pedagógica Reflexiva.	Adaptação de cifras e partituras; estímulos musicais customizados (que fazem parte da abordagem PONTES).

Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda	Valério e Schambeck (2021)	Prática Pedagógica Reflexiva.	Adaptação de cifras e partituras
---	----------------------------	-------------------------------	----------------------------------

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM e Anais dos Congressos da ANPPOM.

A surdez é abordada em três artigos, Sá, Batista e Santos (2019), Rodrigues, Guimarães e Albuquerque (2019) e Mathias (2019), ambos visando adaptações pedagógicas, porém de cunho tecnológico, metodológicos e exploratórios, respectivamente. Enfatizando que a dificuldade do ensino aprendizagem de música não está propriamente na privação da audição, mas em entender e aprender a explorar os outros sentidos existentes que podem perceber o som além da audição, possibilitando métodos e recursos inclusivos para o ensino e apreciação musical, assim como podemos observar abaixo alguns exemplos selecionados nas pesquisas.

Quadro 6 - Surdez

Tipo de Deficiência	Obra	Fundamentação Teórica Pedagógica	Recursos / Estratégias
Surdez	Sá, Batista e Santos (2019)	Tecnologia Assistiva para Surdos	Headphones; vibração do piano acústico; instrumentos percussivos (tambores, pratos, sinos cromáticos); MagMusic; dispositivos vibrotáteis; Auris Keyboard.
Surdez	Rodrigues, Guimarães e Albuquerque (2019)	Adaptações Didático Metodológicas.	Colocar a mão sobre o piano para escutar por meio das vibrações; piano digital com fone de ouvido; atividade por meio da imitação, repetindo pequenas melodias; ensinar a noção de pulsação com o balanço do corpo ou marcar o pulso no ombro da aluna com a mão; notação musical tradicional com a leitura de partitura; utilizar o tato e a visão para a marcação do andamento e das entradas; desenhar e recortar figuras musicais que representavam um pulso e, em seguida, colocá-las no chão, distribuindo-as nos quadrados do piso, propondo uma atividade semelhante ao jogo da amarelinha, no qual a aluna deverá caminhar sobre as figuras, acompanhando o andamento dado pelo professor. Realizar essa atividade por várias vezes, para poder vivenciar e apreender com o corpo a relação das figuras musicais com o ritmo da música.
Surdez	Mathias (2019)	Acessibilidade pedagógica.	Tecnologia assistiva para a apreciação da música por pessoas com perda auditiva: a utilização do metrônomo visual facilita a percepção do ritmo,

			como a percussão corporal.
--	--	--	----------------------------

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM e Anais dos Congressos da ANPPOM.

O Transtorno do Espectro Autista foi o tema que mais apresentou pesquisas, sendo encontrados nove trabalhos ao todo. Dois são de cunho bibliográfico; Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018) pesquisaram o Ensino Especial de Música para pessoas com TEA de forma mais geral e englobando qualquer tipo de ensino musical; porém Neves e Parizzi (2022), exclusivamente o ensino instrumental do piano. Mas ambos com o objetivo de relatar o como, ou seja, as adaptações didáticas metodológicas feitas para atender este público.

Apesar de o foco desta pesquisa não está em artigos no campo da musicoterapia e sim na música enquanto campo da educação, o trabalho de Freire, Martelli, Sampaio e Parizzi (2019), cuja avaliação foi realizada em contexto terapêutico, este integra a pesquisas devido o caráter relevante de contribuição para os processos de avaliação por meio da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA), que pode ser aplicado tanto na musicoterapia como na Educação Musical de alunos com TEA, como demonstrado no trabalho de Oliveira, Parizzi, Sampaio e Oliveira (2022), que pode comprovar também, pela utilização da DEMUCA, que as aulas de música colabora no desenvolvimento da linguagem musical, comunicação e interação, tema investigado também por Wille e Barros (2019) e Aires Filho (2019, 2021).

Rodrigues e DeFreitas Júnior (2018), ainda acrescentam que a trajetória do aluno com TEA, pode o qualificar e oportunizar o ingresso ao mercado de trabalho e a continuidade do ensino. No entanto, Lang e Wille (2019) advertem quanto a inclusão, que pode não acontecer de fato e de direito, sendo fundamental o professor conhecer o aluno em suas especificidades como também a deficiência e suas características, e reconhecer os direitos do aluno buscando estratégias e adaptações que garantam o pleno desenvolvimento dentro das potencialidades do dele, sem que o subestime.

De forma geral, os estudos deixaram claro que o envolvimento familiar é fundamental no processo musical e no desenvolvimento do estudante com TEA, que apesar da importância de iniciar os estímulos musicais desde cedo, não há restrição quanto a idade para se beneficiar com a Educação Musical Especial, seja em contexto inclusivo ou de AEE individual, ou coletivo, o papel do educador

musical é fundamental, assim como intervenções feitas por profissionais de outras áreas do conhecimento para o desenvolvimento da pessoa com TEA. A maioria das pesquisas se fundamentam na avaliação do desenvolvimento e duas não apresentam recursos, como pode ser percebido no quadro abaixo.

Quadro 7 - Transtorno do Espectro Autista

Tipo de Deficiência	Obra	Fundamentação Teórica Pedagógica	Recursos / Estratégias
Transtorno do Espectro Autista	Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018)	Adaptações Didático Metodológicas	Copos de água das alturas de Dó a Si; para o estudo de escalas maiores, indica a utilização do piano e letras indicativas T(representando tom) e ST (representando semitom), em atividade em que o aluno deve ouvir e apontar a ficha correspondente; para o trabalho da apreciação, indica o uso de imagens de instrumentos em cartelas, os quais são marcados pelo aluno após ouvir seus respectivos sons; para a prática coral, propõe a adaptação de partituras com figuras para organizar a música e memorizar a letra; atividades com base no Método Kodály (subdivisões rítmicas substituídas por imagens com grafias dos ritmos semelhantes à grafia rítmica tradicional, trabalhando se inicialmente por imitação, combinando duração do som e grafia), bem como de atividades com base no Método Orff, com foco na linguagem inserindo o uso de imagem e nome dos animais, canções preferidas do aluno e inserção de outros repertórios, nomes próprios, rimas, canções infantis e poemas com padrões rítmicos, improvisações e atividades corporais e de instrumental Orff; método Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children (TEACCH), que visa auxiliar o alcance de autonomia e melhorias de comunicação no relacionamento com o outro e na aprendizagem. Na educação musical, desenvolver objetivos secundários também se faz necessário. O profissional que ensina teoria musical deve apreender conhecimentos sobre os períodos de desenvolvimento musical utilizando-se de teorias de autores como, por exemplo, Esther Beyer.
Transtorno do Espectro Autista	Rodrigues e DeFreitas Júnior (2018)	Pedagogia Inclusiva	-

Transtorno do Espectro Autista	Lang e Wille (2019)	Pedagogia Inclusiva	O ponto não é somente qual o método utilizado, mas sim que exista um método para orientar o percurso do aprendizado, seja esse método consagrado, adaptado ou de autoria do próprio professor. A partir daí conduzir cada aluno diferentemente respeitando a sua necessidade naquele momento. Mesmo adotando-se uma metodologia como ponto de partida, precisaremos proceder adaptações, sempre que uma determinada situação requeira. Os objetos autísticos não só são sentidos como fazendo parte do corpo, mas também são utilizados de uma maneira que não corresponde às suas funções. Eles promovem segurança e proteção. A relação do autista aos seus objetos é duplamente determinada por sua relação ao seu próprio corpo.
Transtorno do Espectro Autista	Wille e Barros (2019)	Pedagogia Vocal	Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical, organizado por Aline Moreira Brandão André no ano de 2017.
Transtorno do Espectro Autista	Aires Filho (2019)	Linguagem Musical e Pedagogia da Neurociência	-
Transtorno do Espectro Autista	Freire, Martelli, Sampaio e Parizzi (2019)	Pedagogia da Avaliação	Escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP), e a Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA).
Transtorno do Espectro Autista	Aires Filho (2021)	Pedagogia da Avaliação	Diário de aula; Sequenciamento das Atividades; Adaptações pedagógicas necessárias para que as aulas de musicalização pudessem contemplar as características do autismo. Cantar mais lento, articular melhor as sílabas, evidenciar e buscar o contato visual, repetir trechos, dar tempo à responsividade de cada criança, apostar na rotina, envolver os pais e estimulá-los a brincarem, mudar o ambiente, intercalar músicas mais agitadas com outras mais lentas, induzindo o relaxamento e a autorregulação, entre tantas e constatar os resultados através da participação efetiva das crianças.

<p>Transtorno do Espectro Autista</p>	<p>Neves e Parizzi (2022)</p>	<p>Pedagogia do Piano e Adaptações Didático Metodológicas.</p>	<p>Ensinar uma pessoa com TEA é um desafio que requer adaptabilidade, flexibilidade, definição de expectativas, paciência, compaixão, senso de humor, humildade e planejamento cuidadoso (BAUER, 2012), pois as características únicas de cada indivíduo exigirão uma abordagem individualizada. 'Um aluno com autismo necessita mais do que uma instrução tradicional de piano – o professor será desafiado a gerenciar e desenvolver relacionamentos sociais, habilidades de comunicação social e pensamento imaginativo' (PRICE, 2012, p.158). Algumas estratégias que permitirão aos professores interagir com seus alunos positivamente no ensino do piano: (1) entrar em seu mundo e compartilhar de suas experiências; (2) utilizar vocabulário adequado; (3) fornecer instruções verbais com precisão (linguagem exata e específica) e (4) estabelecer rotinas. O professor deve avaliar quais são os principais interesses de seus alunos autistas, porque apesar da dificuldade desses indivíduos para detectar sinais sociais e para compreender as emoções e desejos de outras pessoas, eles estão conscientes dos seus próprios desejos e vontades. Isso pode ser muito útil no contexto de uma aula de música se um instrutor dedicar um tempo para determinar o que é agradável para um aluno. Por exemplo, se um aluno com TEA tem um prazer especial em aprender a tocar a música de Star Wars, um professor deve tomar conhecimento e usar essa atividade como reforço para outra tarefa (por exemplo, a prática de escalas) (POLISCHUK, 2019, p.66). Outro aspecto que deve ser observado relaciona-se à mudança de professor. Muitos alunos trocam de professor com sucesso em algum momento de sua educação, porém essa mudança pode ser particularmente perturbadora e estressante para um aluno com TEA. Seria um grande benefício para esse aluno se os professores trabalhassem em conjunto ao transferir as responsabilidades de ensino, planejando essa transição com cuidado (POLISCHUK, 2019, p. 68-69). Um professor estudioso e sensível poderá impactar positivamente os alunos com TEA, à medida que busca conhecer as singularidades do universo de seu aluno, planejar suas aulas de modo a promover rotinas estruturadas, regras claras, ambientes organizados e previsíveis, e compreender as tensões psicológicas, sociais e emocionais que esses indivíduos passam durante o processo de aprendizagem musical.</p>
---------------------------------------	-------------------------------	--	---

Transtorno do Espectro Autista	Oliveira, Parizzi, Sampaio e Oliveira (2022)	Pedagogia da Avaliação	ABFW-Teste de Pragmática, Escala DEMUCA e IMTAP.
--------------------------------	--	------------------------	--

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM. Artigos da Revista Opus e Anais dos Congressos da ANPPOM.

Quatro artigos foram identificados que tratam da inclusão de forma global, sem concentrar o foco em uma deficiência específica. A respeito de pessoas com Privações Sensoriais, Intelectuais e Motoras, Silva, Silva, DeFreitas Júnior e Mota (2021) dedicam seu trabalho ao auxílio dessas pessoas visando o desenvolvimento autônomo de pesquisas científicas no campo acadêmico, apresentando um aplicativo mobile que os autores estavam desenvolvendo, destinado a promover acessibilidade.

Os mesmos autores trazem outro artigo, Silva, Silva, Defreitas Júnior e Mota (2022), dando sequência ao trabalho do artigo anterior, mas desta vez descrevendo o percurso e resultados obtidos na avaliação do mesmo aplicativo, o “Mobile MOVE”, demonstrando a potencialidade do trabalho conjunto com outras áreas do conhecimento para produzir novos recursos e metodologias inclusivas para o ensino e aprendizagem especial de música.

Maciel e Schambeck (2021), também investigam o acesso e permanência de alunos com deficiência no campo acadêmico, o artigo apresenta o referencial teórico desta investigação, que visa auxiliar e compreender como os cursos estão sendo impactados com o processo inclusivo, a fim de que tais reflexões possibilitem gerar mudanças concretas nas configurações das práticas e oferecer alternativas que promovam avanços na oferta inclusiva.

Semelhantemente, a pesquisa de Soares, Pimentel, Pereira e Martins (2022) dialoga com Maciel e Schambeck (2021), mas abrange a Educação Especial de Música para crianças, jovens e adultos, além de buscar investigar as metodologias e adaptações já oferecidas nos mais diversos espaços, formais e não formais de ensino de música, no estado de Minas Gerais, pois analisa os percursos metodológicos adotados pelos professores, fazendo um mapeamento destas instituições. No entanto, a pesquisa ainda estava em andamento, portanto não pôde apresentar os resultados do trabalho.



Quadro 8 - Privações sensoriais, intelectuais e motoras

Tipo de Deficiência	Obra	Fundamentação Teórica Pedagógica	Recursos / Estratégias
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Silva, Silva, DeFreitas Júnior e Mota (2021)	Tecnologia Assistiva.	Aplicativo em desenvolvimento 'Mobile Move'; Handtalk; E-Mag (Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico); WCAG (Web Content Accessibility Guidelines) ou Diretrizes para o Conteúdo de Acessibilidade Web são recomendações de acessibilidades que propõem diminuir as barreiras de acesso na web.
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Maciel e Schambeck (2021)	Teoria Bourdieusiana	-
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Soares, Pimentel, Pereira e Martins (2022)	Adaptações Didático Metodológicas.	Ockelford tem realizado pesquisas que resultaram na produção de materiais didáticos utilizados no desenvolvimento de habilidades musicais de crianças e jovens com deficiências (e.g. 2000, 2008, 2010). Ele formulou a teoria zigônica (OCKELFORD, 2009), que tem funcionado como ferramenta útil nos campos da teoria e análise da música, do desenvolvimento cognitivo musical, e na interação entre musicoterapia e educação musical.
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Silva, Silva, Defreitas Júnior e Mota (2022)	M-Learning e Tecnologia Assistiva	Aplicativo Mobile Move.

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Anais dos Congressos da ANPPOM.

Esta pesquisa também buscou identificar o objetivo geral e os objetivos específicos quando mencionados, como os nomes de autores que aparecem presentes ao longo de cada artigo, a fim de identificar autores que dialogam e colaboram com os trabalhos realizados na Educação Especial de Música, e que possam auxiliar outros pesquisadores, que se interessem por estas temáticas neste campo de pesquisa e ensino.

Quadro 9 - Objetivos e outros autores mencionados nos artigos

Obra	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Revisão de Literatura / Bibliográfica
------	----------------	-----------------------	---------------------------------------

Giesteira (2019)	Analisar as principais especificidades da escrita musical em braille e seu impacto no processo de decodificação da partitura, bem como apresentar estratégias para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.	Analisar os procedimentos de leitura e escrita de sinais de notas e figuras rítmicas; sinais de oitava; sinais de intervalo e acorde; escrevendo em mais de uma voz, e a possibilidades de fazer edições simplificadas nas fases iniciais do aprendizado.	Giesteira (2011); Bonilha (2010); Fernández, Álvarez; Aller Pérez, (1999); Bortolazzi; Herrera (2010); Baptiste-Jessel; Bertoni (2008); Herrera (2010); Nicotra e Quatraro (2008); Jiménez (2004); Bonilha (2010); Goldstein (1994, 2000); Aller Pérez (2001); Krolick (1998); Jiménez (2004); Krolick (1998); Garmo (2005); Giesteira (2013); Suárez (2012).
Keffer, Melo e Zattera (2021)	Analisar como o professor de música pode contribuir para o processo de compreensão e internalização dos conteúdos e conceitos da notação musical tradicional tendo como instrumento de leitura e escrita o ensino de musicografia braille.	Analisar a aplicação da musicografia braille como instrumento pedagógico relevante para compreensão do processo formativo da leitura e escrita da notação musical no aprendizado da música, principalmente por estudantes com cegueira congênita, e investigar possíveis dificuldades ou barreiras para a aplicação desse instrumento.	Bonilha (2006); Cucchi (2013); Tomé (2016); Ottaiano, Ávila, Umbelino e Taleb (2019); (Bear; Connors; Paradiso, 2017; Martín, 2003); Vigotski (1997); Drago (2018); Pitano e Noal (2018).
Gama (2021)	Apresentar uma revisão bibliográfica de teses e dissertações realizadas entre os anos 2006 e 2020 sobre Deficiência Visual e Música.	-	Bonilha (2006; 2010) e Tudissaki (2014); Freitas Neto (2006); Tofani (2012), Cucchi (2013), Lima (2013), Seco (2017), Santos (2020); Bonilha (2006; 2010), Malheiros (2017) Souza (2014), Vieira (2020); Souza (2010) e Ota (2014); Trindade (2008), Coutinho (2012), Quintanilha (2013), Tudissaki (2014), Freitas neto (2015), Bezerra (2016), Ogando (2017), Penteadó (2017) e Morais (2020) Melo (2011a), Bernardo (2012) Oliveira (2013), Melo (2014b), Rocha (2016), Keenan (2017), Vieira (2018), Pinto (2019); Tudissaki (2019).
<b>Obra</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Revisão Bibliográfica</b>

Valério e Schambeck (2021)	Apresentar a temática e discuti-la à luz da literatura, no intuito de abrir novas perspectivas de trabalho no âmbito da educação musical para pessoas com PCHEE.	-	Rosebaum et al. (2007); Dini e David (2009); Shields et al (2007); Morris (2007); Amor et al. (2017), Ribeiro (2013) e Marques (2014); Farias e Oliveira (2010); Guerra (2014); Peterson e Nystrom (2011); Louro (2016); Ockelford (2000); Schambeck (2016); McCormack (2012);
Valério e Schambeck (2021)	Apresentar as características da ação pedagógica desenvolvida com esse aluno em uma escola livre de música no período de 2018 a 2020, promovendo reflexões sobre os materiais existentes (partituras, cifras) para o ensino e aprendizagem do piano, passíveis de adaptação para o contexto inclusivo.	-	Pimenta e Ghedin (2006), Zeichner (2008), Alarcão (2001) e Schön (2000); Dini e David (2009), Rosenbaum, Nigel, Leviton, Goldstein, Bax, Damiano, Bernard e Jacobsson (2007), Shields, Loy, Murdoch, Taylor, Dodd (2007) e Morris (2007); Guerra (2014) e Oliveira e Farias (2010); Schambeck (2016), Power e McCormack (2012), Mendes, Silva e Schambeck (2012), Ockelford (2000, 2012) e Ockelford, Welch e Zimmerman (2002); Peterson e Nystrom (2011); Louro (2016); Bruscia (2016); , Glaser e Fonterrada (2006); Pereira (2014); Welch e Ockelford (2010).
<b>Obra</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Revisão Bibliográfica</b>
Sá, Batista e Santos (2019)	Auxiliar a acessibilidade dos surdos ao ensino formal de música, propondo formas de representação do som para esta comunidade e buscando promover a inclusão dos mesmos em turmas regulares.	Compreender as ferramentas e metodologias utilizadas para o suporte ao ensino de música para pessoas surdas; analisar as possibilidades da relação entre a percepção auditiva e a percepção tátil para o ensino formal de música para pessoas surdas; construir uma ferramenta de acessibilidade ao ensino de música para indivíduos surdos.	Finck (2009); Crespo (2005); Gainza (1988); Cruz (1997); Bréscia (2003); Grout; Palisca, (2007); Wecker (1938); Fahey; Birkenshaw (1972); Darrow (1985); Edwards (1974); Fonterrada (2005).

Rodrigues, Guimarães e Albuquerque (2019)	Descrever a experiência realizada com a aluna surda, Ângela, durante aulas de piano.	-	Haguiara-Cervelline (2003), Louro (2018); Guerreiro (2012) e Schambeck (2016); s Perlin (2004), Quadros (2008), Skliar (2009); GOMES, SOUZA, 2017.
Mathias (2019)	Apresentar as produções do conhecimento sobre música e surdez.		Fawkes e Ratnanather (2009); Fawkes (1989); Griebeler e Schambeck (2014); Brasil (2008); Brasil, (2015); Bogaerts (2013); Ribeiro (2017); Benassi (2016); Trindade (2014); Barros (2014); Turino (2008); Sobreiro (2016); Kuntze (2014); Magnani (2007); Duarte (2017); Pereira (2016); Rodrigues (2015); Luiz (2008); Strobel (2016); Silva (2007); Duarte e Silva Jr. (2017); Marques (2008); Paiva (2012); Santos (2017); Viana e Silva (2015); Pereira (2012); Glennie (1993).
<b>Obra</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	
Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018)	Analisar a produção científica brasileira sobre educação musical e TEA no período de 2006 a 2016 nas revistas de educação musical com Qualis A1 na área Artes/Música e em seus anais de eventos regionais e nacionais disponibilizados em plataformas de acesso gratuito.	Identificar o enfoque das produções científicas brasileiras sobre educação musical e TEA neste período; descrever os procedimentos de ensino (métodos, materiais e técnicas) aplicados à educação musical de pessoas com TEA neste período.	APA (2014); Rocha; Boggio, (2013); Louro (2012); Gomes (2014); Rodrigues, Pereira e DeFreitas (2012); Rodrigues e Pereira (2011); Alves (2014); Borges; Monteiro (2012); Blumer (2016); Oliveira et al. (2012); Soares (2012); Paiva; DeFreitas (2014); Dias (2011); Rodrigues, DeFreitas e Silva (2011); Afonso (2013); Oliveira, Rezende e Parizzi (2013); Queiroz (2013); Rodrigues e DeFreitas (2013); Candemil e Muller (2016); Pereira (2004); (Dias, 2011); Candemil, Silva e Muller (2016); Rocha e Boggio (2013).

Rodrigues e DeFreitas Júnior (2018)	Relatar a trajetória e o processo de formação de estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para adquirir um diploma no curso técnico em música, a partir da visão do aluno e de sua cuidadora.	-	Carvalho (2004); Griesi-Oliveira e Sertié (2017); Gattino, (2012); Brasil, (2012); Mattos e Nuernberg (2011); Cornelsen (2007); Tavares, (2010); Bonilha e Carrasco (2007); Espinhaço (2012); Soares (2012); Louro (2006); Schambeck (2016); Kuenzer (2005); Araújo e Schmidt (2006); EMUFPA (2010).
Lang e Wille (2019)	Investigar como se dá (ou não) a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música numa escola de Pelotas, no Rio Grande do Sul.	Identificar as atividades pedagógico-musicais realizadas na aula de música que visam a aprendizagem musical do aluno com deficiência e definir as maiores dificuldades encontradas para incluir alunos com deficiência em aulas de música nas salas de aula do ensino regular.	Louro (2012, 2013; 2015, 2017), Schambeck (2016); Suzano (2016); MEC (2005).
Wille e Barros (2019)	Investigar o envolvimento da linguagem através do estímulo musical vocal (cantar) de duas crianças com autismo que participavam de aulas de musicalização infantil.	Identificar através das atividades de educação musical o envolvimento do bebê a partir do estímulo musical vocal; investigar quais os resultados musicais serão obtidos nas aulas através dos fazeres musicais; indicar de que forma a percepção da consciência fonológica ocorre através do estímulo vocal.	Louro (2012, 2014, 2016), Ilari (2006) e Gattino (2015); Sá (2003); Howard, (1984); Jorquera (2006); McMullen e Sffran (2004); Barrera e Maluf (2003); Krumhansl (2006); Lacorte (2012); Catão (2009); Ferreira (2014).
Aires Filho (2019)	Apresentar argumentos que defendem o ensino da música enquanto uma linguagem que leva em conta não apenas os seus elementos isolados – ritmo, melodia, altura, timbre, dinâmica, etc. -, mas o seu nível discursivo, combinando esses elementos em um contexto sonoro com significados e intenções.	-	Bakhtin (2002); Schroeder (2009); Dias (2011); Penna (2015); Langer apud Penna (2015); Grandin (2017); Sacks (2007); Grace Lai, et al. (2012); Gomes, apud Gattino (2015); Fonterrada (1994).

Freire, Martelli, Sampaio e Parizzi (2019)	Analisar as evidências de validade da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA), por meio de quatro análises de validação: análise semântica, interexaminadores, de consistência interna e de consistência externa.	-	Louro (2006). Wigram; Gold (2006); Freire (2018); American Psychiatric Association (2014); Oliveira (2015); Silva (2012); Baxter (2007); Hargreaves; Macdonald; Miell (2005).
Aires Filho (2021)	Discutir como acontece o desenvolvimento de crianças autistas na aula de musicalização no Instituto Redescobrando o Autismo e como os pais percebem esse desenvolvimento.	-	Grandin (2017); Whitman, (2015); Grandin (2017); Gattino (2015); Grace Lai e Colaboradores (2012); Joana (2019).
Neves e Parizzi (2022)	Estabelecer as relações entre o Ensino do Piano e o Transtorno do Espectro do Autismo, e relatar experiências docentes e estratégias pedagógicas direcionadas especificamente para este público.	-	Louro (2015); Steele; Fischer, (2011); Louro, (2006); Bauer, (2012); American Psychiatric Association (2014); Dsm-5 (2014); Janzen, Thaut, (2018); Bakan, (2018); Wan, Thaut (1988); Trainor, Hannon (2013); Bouvet (2014); Figueiredo (2016); Freire (2014, 2019); Oliveira (2015, 2020); Alvim e Warwick (1991); Ockelford (2009, 2013, 2019); Silarat (2020); Møller et al. (2002); Parker Hairston (1990); Kuperstein e Rancer (2016); Mössler, Schmid, Aßmus, Fusar-Poli, & Gold (2020); Heaton (2009), Kuperstein e Rancer (2016); (Price, 2012); Polischuk (2019).

Oliveira, Parizzi, Sampaio e Oliveira (2022)	Estudar as relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social de crianças autistas.	-	APA (2014); Camargos (2017); Ferreira (2018); Molnar-Szakacs; Heaton (2012); Freire (2019, 2014); Lai; Pantazatos; Schneider; Hirsch (2012); Wan; Schlaug (2010); Kaplan; Steele (2005); Sampaio; Loureiro; Gomes (2015); Fernandes; Andrade; Befi-Lopes; Wertzner (2004); Oliveira (2015); Baxter; Berghofer; Macewan; Nelson; Peters; Roberts (2007); Souza (2009); Oliveira (2020); Trevarthen (1999/2000); Malloch (1999/2000); Parizzi; Rodrigues (2020); Malloch; Trevarthen (2009); Molnar-Szakacs e Heaton (2012).
Obra	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Revisão Bibliográfica
Silva, Silva, DeFreitas Júnior e Mota (2021)	Descrever o desenho de aplicativo mobile para auxílio de estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras no desenvolvimento de pesquisa científica.	Relatar o surgimento da ideia e desenvolvimento da primeira fase do aplicativo mobile; detalhar as pesquisas realizadas para as escolhas do desenho do protótipo.	Queiroz (2013); Brasil (1996); Souza (2005); Rodrigues (2015); LAROCCA et al. (2005); Lunardi (2008); Bersch (2017); Rodrigues (2020); Ludwig (2009); Farias Filho & Arruda Filho (2013); Dalbério & Dalbério (2009); Sonza (2008); Leite (2020); Malaquias (2012); Torres, Mazzoni e Alves (2002); Santos e Oliveira (2017); Belham (2015); Behar, Souza, Góes e Lima (2008); Torres, Mazzoni, Alves (2002); Marques (2019); Nunes (2012); Silva e Monteiro (2006); Cavalcante (2016); Pietra (2018); Souza e Arrais Jr. (2019); Bentes, Oliveira e Pires (2020).

Maciel e Schambeck (2021)	Investigar o acesso e a permanência de alunos com deficiência em instituições federais de ensino superior em cursos de Licenciatura em Música.	-	Bourdieu (2006); Bourdieu (2009); INEP (2019); Brasil (2012); Brasil (2016); Brasil (2013); Valim e Pacheco (2020); Keenan Júnior e Schambeck (2017); Schambeck (2016); Lopes e Schambeck (2014); Rocha e Miranda (2009); Catani, et al. (2017); Nogueira e Nogueira (2017); Grenfell (2018); Bourdieu (2009); Pereira (2014); Bourdieu (2006); Bernard Lahire (2002); Catani (2011); Brasil (2015); Portal CNN/Brasil (2021); Grenfell (2018).
Soares, Pimentel, Pereira e Martins (2022)	Examinar recursos, adaptações e estratégia pedagógico-musicais adotadas no ensino de música para crianças e jovens, com necessidades educacionais específicas, em contexto escolar, não escolar e conservatórios do estado de Minas Gerais.	-	Júnior e Schambeck (2017); Lopes e Schambeck (2014); Rocha e Miranda (2009); Cucchi (2011); Griebeler (2015); Silva (2015); Keenan Júnior (2015); Pereira (2016); Eboli (2019); Brasil (2015, 2016); Schambeck (2016, 2017); Kuntze (2014); Ockelford (2000, 2008, 2009, 2010); Vogiatzoglou, Himonides, Ockelford, Welch (2011); Welch, Ockelford (2012).
Silva, Silva, Defreitas Júnior e Mota (2022)	Avaliar o papel prototyping do aplicativo Mobile Move para auxiliar estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras no desenvolvimento de pré-projeto de pesquisa.	-	Traxler (2007); Soad (2017); Gonçalves (2016); Nunes (2018); Alcantara (2018); Lima, (2018); Santana Pontes, Silva e Nunes (2012); Cavalcanti (2019).

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM. Artigos da Revista Opus e Anais dos Congressos da ANPPOM.

Poucos abordaram ou falaram do Atendimento Educacional Especializado de Música com esta nomenclatura, mas usam o nome de aula particular (individual) ou aula coletiva quando falam sobre aulas exclusivas para pessoas com deficiência, mas a nomenclatura Educação Inclusiva é usada com propriedade. Mesmo havendo aulas em espaços de abordagem inclusiva, o AEE precisa acontecer de maneira concomitante, pois visa dar ferramentas ao aluno para que a



inclusão aconteça de forma mais significativa, buscando treinar habilidades específicas e necessárias para as atividades em contexto inclusivo (Brasil 2009).

É importante para a formação docente tanto o treinamento como o se apropriar desses espaços e construindo uma formação específica, para que a educação musical atue neste campo que ainda é visto por muitos como apenas terapêutico.

Quadro 10 - Contextos contemplados pelas pesquisas

<b>Revista da ABEM</b>				
<b>Tipo de Deficiência</b>	<b>Obra</b>	<b>Educação Inclusiva</b>	<b>AEE em Aula individual</b>	<b>AEE em Aula Coletiva</b>
Transtorno do Espectro Autista	Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018)	X	X	X
Surdez	Sá, Batista e Santos (2019)	X	-	-
Surdez	Mathias (2019)	X	-	-
cegueira	Keffer, Melo e Zattera (2021)	-	X	-
Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda	Valério e Schambeck (2021)	X	X	-
Transtorno do Espectro Autista	Oliveira, Parizzi, Sampaio e Oliveira (2022)	-	-	X
<b>Revista Opus</b>				
<b>Tipo de Deficiência</b>	<b>Obra</b>	<b>Educação Inclusiva</b>	<b>AEE em Aula individual</b>	<b>AEE em Aula Coletiva</b>
Transtorno do Espectro Autista	Rodrigues e DeFreitas Júnior (2018)	X	-	-
cegueira e deficiência visual	Giesteira (2019)	-	X	-
Transtorno do Espectro Autista	Freire, Martelli, Sampaio e Parizzi (2019)	-	X	-
<b>Anais do Congresso da ANPPOM - Subárea: Educação Musical</b>				
<b>Tipo de Deficiência</b>	<b>Obra</b>	<b>Educação Inclusiva</b>	<b>AEE em Aula individual</b>	<b>AEE em Aula Coletiva</b>
Transtorno do Espectro Autista	Lang e Wille (2019)	X	-	-

Surdez	Rodrigues, Guimarães e Albuquerque (2019)	-	X	-
Transtorno do Espectro Autista	Wille e Barros (2019)	X	-	-
Transtorno do Espectro Autista	Aires Filho (2019)	X	-	-
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Silva, Silva, DeFreitas Júnior e Mota (2021)	X	-	-
Transtorno do Espectro Autista	Aires Filho (2021)	-	-	X
Paralisia Cerebral Hemiplégica Espástica Esquerda	Valério e Schambeck (2021)	X	X	-
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Maciel e Schambeck (2021)	X	-	-
deficiência visual	Gama (2021)	X	X	X
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Soares, Pimentel, Pereira e Martins (2022)	X	X	-
Privações sensoriais, intelectuais e motoras.	Silva, Silva, Defreitas Júnior e Mota (2022)	X	-	-
Transtorno do Espectro Autista	Neves e Parizzi (2022)	-	X	-

Fonte: Autora 2024. Fonte dos dados: Artigos da Revista da ABEM. Artigos da Revista Opus e Anais dos Congressos da ANPPOM.

Quatro dos artigos analisados são revisões bibliográficas: Gama (2021) sobre deficiência visual; Mathias (2019) sobre surdez; Zimmer, Rodrigues e DeFreitas (2018) e Neves e Parizzi (2022) sobre o Transtorno do Espectro Autista. Porém, nem todas as pesquisas fizeram o levantamento exclusivamente no campo da educação musical, o que aliados a observações feita em outros trabalhos, trouxeram a reflexão que para compreender a Educação Especial de Música e propor o aprimoramento de estratégias, é importante conectar-se também com conhecimentos de todas as áreas do conhecimento que podem contribuir direta ou indiretamente na construção de metodologias, recursos e discussões que corrobora para a consolidação e criação de estratégias e recursos, identificando e compreendendo diferenças entre os campos de atuação, mas também as intercessões e como os conhecimentos podem atuar em sinergia para o pleno desenvolvimento das aulas e das pessoas envolvidas na inclusão musical.

As pesquisas de cunho bibliográfico, aqui encontradas, ampliam de forma significativa a revisão feita neste trabalho, visto que elas contemplam pesquisas que não estão contempladas no recorte desta pesquisa, e assim, ampliando este levantamento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos artigos analisados, nem todos os tipos de deficiências foram contemplados de forma específica e com suas especificidades no contexto educacional de música, abrindo possibilidade de novas pesquisas sobre o relacionamento do ensino de música e a pessoa com deficiência, no desenvolvimento das propostas específicas da Educação Especial.

Considerando os avanços dos processos inclusivos na qualificação profissional e o mercado de trabalho se abrindo para as pessoas com deficiência, faz falta pesquisas retratando o professor deficiente em sua prática docente na educação musical.

Sobre os pensamentos pedagógicos identificados na fundamentação das pesquisas, em alguns trabalhos não estavam escritos de forma explícita, mas expressos no contexto da pesquisa e sujeito a interpretação. Conhecer os pensamentos que fundamentam as pesquisas, é fundamental pela perspectiva que no campo da educação, portanto também no ensino especial de música, não é preciso estar preso a um fundamento em específico, pois dependendo do contexto podemos adotar um ou outro e, porque não de forma híbrida, Moran (2015), e personalizar o ensino, atendendo as mais diversas necessidades que surgem em contextos específicos, com teorias e metodologias pedagógicas que melhor atendam os alunos.

Neste trabalho foi possível não somente fazer o levantamento bibliográfico, mas analisar os textos e identificar tópicos que caracterizam as pesquisas. Esta análise gerou uma tabela onde pôde ser expressa os dados de cada trabalho analisado, identificando autores que dialogam de forma a colaborar como fonte das pesquisas, assim como, para futuros trabalhos sejam de cunho teórico ou práticos, como também, sugestões de recursos e metodologias pedagógicas apresentados nos trabalhos com alunos com deficiência no campo da educação especial de música, além de identificar e registrar o pensamento que fundamenta os textos e seus objetivos.

A pesquisa revelou que a produção textual desta temática ainda é relativamente pequena, mas que a prática da educação musical especial é uma realidade em diversos espaços e precisa assistir todos os que precisam de algum

tipo de adaptação metodológica e/ou curricular, para assim contemplar alunos com deficiências e necessidades específicas.

A Educação Especial de Música precisa permear a formação do docente desde o início, pois a realidade do professor de música, seja ele uma pessoa com deficiência ou não, é atender alunos com deficiências, seja em contexto inclusivo ou de AEE em aulas individuais ou coletivos, sendo um caminho para a aprendizagem de todos e para todos, com mais empatia, onde nos adaptamos às necessidades educacionais discentes com menos estranheza e resistência, proporcionando uma mediação em parceria co-participativa que pode elevar a infinitos caminhos e descobertas na arte do ensino-aprendizagem de música.

Esta pesquisa gerou a indagação sobre como poderia ser e quais melhorias seriam necessárias nas licenciaturas para uma formação docente hábil e especializada para o professor atuar na Educação Especial de Música com mais apropriação, e quais cursos de música já oferecem um diferencial, neste sentido, na formação de professores que se interessam pela educação especial.

A Educação Inclusiva se caracteriza em planejar aulas que contemplem todos os alunos, deficientes ou não. A inclusão não deve ser vista como um saco com batatas, mas sim como um purê, onde todos somos beneficiados conjuntamente pelas abordagens inclusivas, por isso os métodos pedagógicos precisam ser compreendidos e colocados em prática-reflexiva e em sinergia com os fundamentos teóricos que embasam o ensino.

O compartilhamento de informação e experiências potencializa e inspira a abraçar este campo de atuação ainda tão desafiador, porém encantador da área de educação musical. Esta pesquisa se caracterizou como um agente impactante nesta formação docente, pois ter contato com produções textuais de outros autores dentro desta mesma temática, reforça e revisa conceitos já adquiridos e também abre novos horizontes para futuros trabalhos de campo como novos percursos formativos, para incentivar mais professores a se engajarem em uma educação musical que contemple as pessoas com deficiência. Assim como Moran (2017, p.34) acredito que a aprendizagem acontece em qualquer hora e lugar, de múltiplas formas, e que a inovação pedagógica depende de nossa capacidade de se abrir para assim aprender e compartilhar.

## REFERÊNCIAS

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de Almeida. Educação musical e autismo: Um estudo sobre a percepção das mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos nas aulas de musicalização. *In: XXXI Congresso da Anppom, 2021, João Pessoa. Anais...* João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021. p. 01-11. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v31/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de Almeida. Música é linguagem? E o que o autismo tem a ver com isso? *In: XXIX Congresso da Anppom, 2019, Pelotas. Anais...* Pelotas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019. p. 01-08. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. Resolução n.º 4, de 2 de outubro de 2009. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192). Acesso em: 11 jan. 2024.

FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa. *In: ZAMBELLO, Aline Vanessa; SOARES, Alessandra Guimarães; TAUIL, Carlos Eduardo; DONIZELLI, Cleivaldo Aparecido; FONTANA, Felipe; CHOTOLLI, Wesley Piante; MAZUCATO, Thiago (org.). Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico*. Penápolis: FUNEPE, 2018. p. 59-77. Disponível em: [https://faculdefastech.com.br/fotos\\_upload/2022-02-16\\_10-06-51.pdf](https://faculdefastech.com.br/fotos_upload/2022-02-16_10-06-51.pdf). Acesso em: 31 jan. 2024.

FRAGA, Rosane Serpa de. **Processos de formação e trajetória de uma discente deficiente visual em um curso de licenciatura em música**. Orientador: Carla E. Lopardo. 2018. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Pampa, Curso de Música - Licenciatura, Bagé, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/rii/6149>. Acesso em: 31 jan. 2024.

FREIRE, Marina; MARTELLI, Jéssica; SAMPAIO, Renato; PARIZZI, Betânia. Validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA): análise semântica, interexaminadores, consistência interna e confiabilidade externa. **Revista Opus**, v. 25, p. 158-187, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/Opus2019c2508>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GAMA, Andréa Menezes da Costa. Revisão Bibliográfica sobre pesquisas na área de deficiência visual e música: teses e dissertações. *In: XXXI Congresso da Anppom, 2021, João Pessoa. Anais...* João Pessoa: Associação Nacional de

Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021. p. 01-14. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v31/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GIESTEIRA, Adriano Chaves. Procesos de decodificación de la partitura braille. **Revista Opus**, v. 25, p. 70-92, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/Opus2019b2504>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KEFFER, Welington; MELO, Douglas Christian Ferrari de; ZATTERA, Vilson. O processo de leitura e escrita de partituras e os desafios da cegueira congênita na perspectiva de Vigotski. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 29, p. 28-46, set. 2021. Disponível em: <http://abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/971>. Acesso em: 01 fev. 2024.

LANG, Andréia Cristina de Souza; WILLE, Regiana Blank. A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música de uma escola de ensino regular da cidade de Pelotas – RS. *In: XXIX Congresso da Anppom, 2019, Pelotas. Anais...* Pelotas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019. p. 01-08. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

LOURO, Viviane. **Educação musical e deficiência: quebrando os preconceitos**. Site da autora. 2013. Disponível em: [https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/educacao\\_musical\\_e\\_deficiencia\\_quebrando\\_os\\_preconceitos.pdf](https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/educacao_musical_e_deficiencia_quebrando_os_preconceitos.pdf). Acesso em: 11 jan. 2024.

MACIEL, Vinicius Alves; SCHAMBECK, Regina Finck. Pierre Bourdieu: aproximações teóricas em diálogo com a educação musical especial e políticas de inclusão. *In: XXXI Congresso da Anppom, 2021, João Pessoa. Anais...* João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021. p. 01-11. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v31/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MATHIAS, Mércia Santana. Produção acadêmica sobre música e surdez: o que revelam as publicações brasileiras. **Revista da Abem**, v. 27, p. 71-93, 2019. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/800>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In: Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (Orgs.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 28-45. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/educa%C3%A7%C3%A3o\\_h%C3%ADbrida.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/educa%C3%A7%C3%A3o_h%C3%ADbrida.pdf). Acesso em: 31 jan. 2024.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. *In: YAEGASHI, Solange e outros (Orgs.). Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2017. p.23-35. Disponível em: <https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2018/03/Metodologia>

[s\\_Ativas.pdf](#). Acesso em: 31 jan. 2024.

NEVES, Maria Teresa de Souza; PARIZZI, Betânia. O Ensino de Piano e o Autismo: o que as pesquisas dizem? *In: XXXII Congresso da Anppom, 2022, Natal. Anais...* Natal: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2022. p. 01-11. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v32/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; PARIZZI, Maria Betânia; SAMPAIO, Renato Tocantins; DE OLIVEIRA, Erika Maria Parlato. Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas. **Revista da Abem**, v. 30, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1145>. Acesso em: 01 fev. 2024.

PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em educação: o ensino superior em música como objeto. **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221- 233, jul./dez. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/327170159\\_FUNDAMENTOS\\_TEORICO-METODOLOGICOS\\_DA\\_PESQUISA\\_EM\\_EDUCACAO\\_O\\_ENSINO\\_SUPERIOR\\_EM\\_MUSICA\\_COMO\\_OBJETO](https://www.researchgate.net/publication/327170159_FUNDAMENTOS_TEORICO-METODOLOGICOS_DA_PESQUISA_EM_EDUCACAO_O_ENSINO_SUPERIOR_EM_MUSICA_COMO_OBJETO). Acesso em: 31 jan. 2024.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vwc8g>. Acesso em: 31 jan. 2024.

RITA, Carla Daneris Valerio. **Percursos didáticos, olhares e reflexões na perspectiva inclusiva no curso de licenciatura em música da UNIPAMPA**. Orientador: Carla E. Lopardo. 2016. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Pampa, Curso de Música - Licenciatura, Bagé, 2016. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/ri/718>. Acesso em: 31 jan. 2024.

RODRIGUES, Jessika Castro; DEFREITAS JÚNIOR, Áureo Deo. “O diploma é a coisa mais importante do mundo!”: relato de um caso de estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para adquirir um diploma no curso técnico em música, a partir da visão do aluno e de sua cuidadora. **Revista Opus**, v. 24, p. 140-158, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/Opus2018b2406>. Acesso em: 01 fev. 2024.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega; GUIMARÃES, Aluska Danyelle de Souza; ALBUQUERQUE, Patrícia Belisário Souza. Ensino de piano para uma aluna surda: relato de experiência. *In: XXIX Congresso da Anppom, 2019, Pelotas. Anais...* Pelotas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019. p. 01-07. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em: 01 fev. 2024.



SÁ, Caio Vinícius Pereira de; BATISTA, Carlos Eduardo Coelho Freire; SANTOS, Donately da Costa. Auris Keyboard: ferramenta de auxílio ao treinamento de percepção musical para pessoas surdas. **Revista da Abem**, v. 27, p. 21-43, 2019. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/829>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SANTOS, Giovana Brizolla Algarve. **A educação musical e a musicoterapia: articulações educacionais e terapêuticas em um grupo inclusivo**. Orientador: Carla E. Lopardo. 2018. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Pampa, Curso de Música - Licenciatura, Bagé, 2018. Disponível em: [https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/4241?locale=pt\\_BR](https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/4241?locale=pt_BR). Acesso em: 31 jan. 2024.

SCHAMBECK, R. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, v. 24, p. 23-35, 2017. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/598>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SILVA, Tarsilla Castro Rodrigues da; SILVA, Jessika Rodrigues da; DEFREITAS JÚNIOR, Áureo Deo; MOTA, Kátia Regina Sabel. Avaliação do paper prototyping de aplicativo mobile MOVE como facilitador para o desenvolvimento de pesquisa de estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras. *In: XXXII Congresso da Anppom, 2022, Natal. Anais...* Natal: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2022. p. 01-10. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v32/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SILVA, Tarsilla Castro Rodrigues da; SILVA, Jessika Rodrigues da; DEFREITAS JÚNIOR, Áureo Deo; MOTA, Kátia Regina Sabel. Desenho de aplicativo mobile para auxiliar estudantes de música com privações sensoriais, intelectuais e motoras no desenvolvimento de pesquisa científica. *In: XXXI Congresso da Anppom, 2021, João Pessoa. Anais...* João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021. p. 01-13. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v31/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SOARES, José; PIMENTEL, Maria Odília de Quadros; PEREIRA, Luana Soares; MARTINS, Marcelo Soares. A implementação metodológica de pesquisa sobre a educação musical para crianças e jovens com necessidades educacionais específicas em Minas Gerais. *In: XXXII Congresso da Anppom, 2022, Natal. Anais...* Natal: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2022. p. 01-09. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v32/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SOUZA, J. . A Educação Musical como campo científico. **Olhares & Trilhas**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 9–24, 2020. DOI: 10.14393/OT2020v22.n.1.53720. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/53720>. Acesso em: 11 jan. 2024.

VALÉRIO, Mara Síntique Del Guerra; SCHAMBECK, Regina Finck. Educação musical e paralisia cerebral: Rompendo paradigmas para a inclusão de um aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda em uma escola livre de

música. *In*: XXXI Congresso da Anppom, 2021, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021. p. 01-11. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v31/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

VALÉRIO, Mara Síntique Del Guerra; SCHAMBECK, Regina Finck. Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: escola livre de música como espaço inclusivo. **Revista da Abem**, v. 29, p. 294-316, 2021. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1022>. Acesso em: 01 fev. 2024.

WILCOX, Phyllis Perrin; WILCOX, Sherman. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WILLE, Regiana Blank; BARROS, Luana Medina de. Estímulo vocal musical de crianças com autismo. *In*: XXIX Congresso da Anppom, 2019, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019. p. 01-08. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZIMMER, Paulyane Nascimento; RODRIGUES, Jéssika Castro; DEFREITAS, Áureo Déo. Educação musical e transtorno do espectro autista: análise da produção em revistas brasileiras de Artes/Música Qualis A1 e seus anais de eventos regionais e nacionais (2006-2016). **Revista da Abem**, v. 26, p. 149-166, 2018. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/760>. Acesso em: 31 jan. 2024.